



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

MUSEU PARQUE SERINGAL:
proposta no ensino de história e natureza.

ANANINDEUA-PA

2021

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

MUSEU PARQUE SERINGAL:
proposta no ensino de história e natureza.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará/*Campus* Universitário de Ananindeua como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

Linha de pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

ANANINDEUA-PA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA DISCENTE
ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO**

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle e constituída pelos examinadores Profa. Dra. Conceição Maria Rocha de Almeida e Prof. Dr. Gabriel Pereira de Oliveira, reuniu-se no dia 29 de dezembro de 2021, às 10:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação da mestranda **ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO** intitulada “MUSEU PARQUE SERINGAL: PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA E NATUREZA”. Após explanação da mestranda e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que a mestranda respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que a mestranda construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi APROVADA, com conceito EXCELENTE pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Orientador

Profa. Dra. Conceição Maria Rocha de Almeida
Membro da banca/PPGEH/UFPA

Prof. Dr. Gabriel Pereira de Oliveira
Membro externo da banca/IFRN

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C744m Conceição, Ana Maria da Silva
Museu Parque Seringal: proposta no ensino de história e
natureza / Ana Maria da Silva Conceição. — 2021.

89 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado
Profissional em Ensino de História, Ananindeua, 2023.

1. Ensino de História. 2. Espaços Não-Escolares. 3.
Educação Museal. 4. Processos de Mediação. 5. Ananindeua
(PA). I. Título.

CDD 069.098115

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que fizeram seu melhor para educar a mim e aos meus onze irmãos.

Agradeço a meus filhos, Victor Hugo e Cecília Viana, por me ensinarem a ser uma mãe melhor a cada dia.

À minha irmã, Ruth Conceição, companheira de todos os passos, bem como aos meus irmãos, sobrinhos, primas e tias por acreditarem em mim.

Às amigas que fiz no PROFHISTÓRIA, pelo carinho e conhecimentos compartilhados, em especial ao colega Christian Denys Amorim (in memoriam).

Aos professores do programa PROFHISTÓRIA da UFPA, pela oportunidade e pelos conhecimentos compartilhados. Pois devo dizer que esse programa mudou a minha vida para melhor. Como profissional da educação, nunca desisti de buscar conhecimento, as leituras das disciplinas ampliaram ainda mais meus horizontes em relação às reflexões para a vida. E como resultado de todo o saber adquirido, passei no concurso da prefeitura do município de Maracanã/PA. Desde setembro de 2021 sou professora concursada da disciplina de História, disposta a contribuir e a fazer a diferença na comunidade da Ilha de Algodal, uma área de preservação ambiental no nordeste paraense.

Quero agradecer, muito especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Wesley de Oliveira Kettle, pela atenção, paciência e direcionamentos no decorrer da realização da pesquisa, assim como, durante o exercício da escrita que me fez reconhecer como historiadora da natureza que inconscientemente, sempre fui. Eterna admiração por ti.

Às professoras Socorro Araújo e Rosicleide Mota Brandão por ceder seus tempos de aula para realização desta pesquisa.

Aos alunos da E. E. E. F. Cândido Horácio Evelin, em especial à turma do 9º ano/manhã de 2021.

À Luciana Silva, diretora do Museu Parque Seringal.

Ao meu amigo e colega de profissão Marco Antônio Soares, de rara sensibilidade e intelectualidade caríssima e às professoras Mônica Malcher e Claudia Márcia. Nunca me esquecerei da foto que tiramos no dia da aula inaugural de nossa turma, desde esse dia, sempre fazíamos nossos trabalhos em equipe.

Aos demais colegas pelo encorajamento e palavras de apoio para o desenvolvimento deste trabalho. Muita saúde e prosperidade.

À Daniela da Silva e Silva e ao Lucas Machado pela finalização e design do *folder*.

Quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza.

– Ailton Krenak

RESUMO

O presente trabalho faz um estudo sobre o conjunto patrimonial do Museu Parque Seringal, em Ananindeua/PA, como um espaço que colabora para o processo de ensino e aprendizagem, de modo a contextualizar a relação entre passado e presente da história do município para a construção de saberes históricos que considerem a natureza como fonte de aprendizado da disciplina História. Apresenta-se aqui resultados de um trabalho de campo que envolveu alunos do ensino fundamental da E. E. E. F. “Cândido Horácio Evelin” da rede pública de ensino. O objetivo é lançar novos olhares sobre o parque a fim de repensar como aquele local contribui para o ensino de História, utilizando as narrativas e os saberes produzidos pelos discentes do 9º Ano e também os conhecimentos prévios da comunidade no entorno do parque. Pretendeu-se demonstrar que os museus são espaços vivos e lugares de memória que dialogam com o nosso presente e que guardam as suas especificidades e que, portanto, devem ser preservados dentro de uma perspectiva interdisciplinar que implica as relações entre memória, história e natureza contidas no espaço que resguarda árvores de seringa (*Hevea brasiliensis*). O produto educacional associado a essa pesquisa é um *folder* que auxiliará futuras visitas guiadas ao Museu. O *folder* possui orientações, uma galeria de fotos, hiperlinks e QR Code que tornam a experiência mais interativa e imersiva e poderá ser de uso de professores, alunos e do público em geral.

Palavras-chave: Ensino de História; Espaços Não-Escolares; Educação Museal; Processos de Mediação; Ananindeua-PA.

ABSTRACT

The present work makes a study about the heritage set of the Museu Parque Seringal, in Ananindeua/PA, as a space that collaborates for the teaching and learning process, in order to contextualize the relationship between past and present of the history of the municipality for the construction of historical knowledge that considers nature as a source of learning for the discipline of History. Here we present the results of a field work that involved elementary school students from the “Cândido Horácio Evelin” Middle School. The objective is to launch new perspectives on the park in order to rethink how that place contributes to the teaching of History, using the narratives and knowledge produced by the 9th grade students and also the previous knowledge of the community around the park. It was intended to demonstrate that museums are living spaces and places of memory that dialogue with our present and that keep their specificities and that, therefore, must be preserved within an interdisciplinary perspective that implies the relationships between memory, history and nature contained in the space that shelters rubber trees (*Hevea brasiliensis*). The educational product associated with this research is a folder that will help future guided visits to the Museum. The folder has guidelines, a photo gallery, hyperlinks and QR Code that make the experience more interactive and immersive and can be used by teachers, students and the general public.

Keywords: History Teaching; Non-Scholarly Contexts; Museum Education; Mediation Processes; Ananindeua-PA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Portão principal do Museu Parque Seringal, entrada pela Tv. We 36.....	22
Figura 2 – Placa de inauguração do Museu Parque Seringal.	22
Figura 3 – Localização do Museu Parque Seringal	23
Figura 4 – Chalé da administração e anfiteatro	25
Figura 5 – Parquinho para crianças	25
Figura 6 – Espaço Memorial e exposição permanente	26
Figura 7 – Parte interna de uma trilha	27
Figura 8 – Muro do Seringal, sob da sombra da Mangueira está o senhor J. L.	29
Figura 9 – Castanheira histórica localizada na BR-316	32
Figura 10 – Exemplar de seringueira presente no Museu Parque Seringal	34
Figura 11 – Jovem árvore de Anani plantada no Museu Parque Seringal, em primeiro plano	39
Figura 12 – Fachada da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”	40
Figura 13 – Precárias condições estruturais da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”	41
Figura 14 – Primeira aplicação do questionário diagnóstico.....	42
Figura 15 – Segunda aplicação do questionário diagnóstico.....	45
Figura 16 – Aula passeio no Museu Parque Seringal	48
Figura 17 – Explicação sobre a extração da seiva da seringueira	49
Figura 18 – Plantação de mudas durante a aula passeio.....	52
Figura 19 – Construção coletiva do <i>folder</i> sobre o Museu Parque Seringal	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MUSEU PARQUE SERINGAL: LUGAR DE HISTÓRIA	18
2.1 O Museu e seus significados.....	21
2.2 Do encastelamento da História à possibilidade aprendizado sobre a natureza.....	26
2.3 A concepção de outros atores do parque	28
3 CONEXÕES AMBIENTAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	32
3.1 Sobre árvores e o ensino de história: seringueiras	34
3.2 A relação entre o Museu Parque Seringal e a Escola “Candido Horácio Evelin”	37
3.2.1 Primeiras aproximações com os alunos – 2019	42
3.2.2 Segundo contato com os alunos – 2021	44
3.3 Diálogos entre a leitura do meio ambiente no Parque Seringal e a aula de História: um aula passeio.....	46
4 VISITA GUIADA AO MUSEU PARQUE SERINGAL	52
4.1 Construção coletiva do produto educacional	54
4.2 A resposta dos alunos	57
4.3 <i>Folder</i> de visitação: usos e possibilidades	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE	67
APÊNDICE A – PLANO DE AULA PROPOSTO	68
APÊNDICE B – RESPOSTA DOS ALUNOS AO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO ...	69
APÊNDICE C – REGISTRO FOTOGRÁFICO DO MUSEU PARQUE SERINGAL	79
APÊNDICE D – PRODUTO EDUCACIONAL: <i>FOLDER</i> PARA VISITAÇÃO GUIADA AO MUSEU PARQUE SERINGAL	87

1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória acadêmica inicia com a implantação do primeiro curso de Licenciatura e Bacharelado em História de Ananindeua/PA. Por meio do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), foi possível dar início a minha jornada no ensino superior, que eu tanto almejei, mas que ainda hoje é um sonho distante para quem vem da periferia e dos rincões da Amazônia.

No início de 2007, houve a oportunidade de um processo seletivo promovido pela Secretaria de Estado de Cultura do Pará (SECULT) que buscava estudantes de História para trabalharem como bolsistas no projeto “Sesmarias do Arquivo Público do Pará”. Fui a única de minha instituição a ser contemplada com a bolsa, fazendo parte da primeira turma do projeto que visava, na época, fazer a transcrição e a digitalização de documentos das cartas e datas de sesmarias do Grão-Pará e Maranhão. Essa prática bastante significativa em minha formação, foi minha primeira experiência de trabalho e de pesquisa. No entanto, não pude permanecer por mais tempo, pois no final do segundo semestre do mesmo ano, ocorreu minha defesa de Trabalho de Conclusão de Curso.

Em 2008, tive a oportunidade de iniciar minha carreira como professora de História em uma escola particular, onde também lecionei a disciplina de Estudos Amazônicos. Na época, o material didático para essa disciplina era muito escasso, lembro-me de usar como referência uma antiga coleção lançada pelo projeto “Estante da Amazônia”, em dois volumes do ano de 1998 pelo Governo do Estado do Pará, e a coleção “Pontos de História da Amazônia”, da editora Paka Tatu.

Essa busca por uma identidade regional pode ser identificada, por exemplo, no Estado do Pará, que possui em seu currículo escolar nas escolas públicas estaduais a disciplina de Estudos Amazônicos e editoras que produziram coleções voltadas para esta disciplina. (MENEZES NETO, 2019)

Muitas escolas particulares como a que lecionei adotam a disciplina de Estudos Amazônicos, que pode ser também ministrada por professores de Geografia. É uma disciplina de suma importância, pois muitos de nossos alunos do ensino fundamental entendem a Amazônia como uma região ainda distante de suas realidades, embora estejamos localizados no coração da maior floresta tropical do mundo. Fiquei com as turmas do ensino fundamental até o ano de 2012, tendo apenas um horário de 45 minutos em cada turma, do sexto ao nono ano. Foi uma experiência bastante desafiadora, pois, juntamente com o conteúdo tradicional em minhas aulas, sempre utilizei como fonte de pesquisa jornais e revistas atualizados a

respeito das questões e dos problemas que envolviam este componente curricular. Tal método tinha muito potencial, contudo, o pouco tempo de hora-aula dificultava o aproveitamento da minha prática em sala de aula.

Sempre senti certo desconforto por utilizar reiteradamente as mesmas referências durante os quatro anos que passei na escola. Mas, por conta e risco, ousava extrapolar o conteúdo ministrado com a utilização de artigos de jornais e de revistas, como a “Revista de História da Biblioteca Nacional” e a “Aventuras na História”, publicadas na época, para que as turmas fizessem o contraponto do que estava no conteúdo e o que se falava na atualidade sobre a questão dos grandes projetos na Amazônia. Cheguei a mediar debates calorosos sobre políticas públicas para a Amazônia com as turmas do oitavo e nono anos, extrapolando completamente o conteúdo curricular. Apesar de minha formação, ministrava essas aulas de maneira quase amadora, pois não sabia aproveitar os resultados das discussões tão ricamente debatidas pelas turmas. Eu sabia que ficava um vácuo e pensava sobre o quanto as falas dos alunos podiam ser bem mais aproveitadas para além da pontuação extra para quem participava oralmente dos debates. Pela dificuldade em fazer esse controle, resolvia pontuar a todos, mesmo quem não participava.

Em janeiro de 2013, saí da escola. Meus dois filhos eram pequenos e resolvi me dedicar completamente à formação e à educação deles. Meu companheiro era o responsável financeiro de nossa família e eu a responsável por todo o trabalho não remunerado que uma mulher ainda exerce em nossa sociedade. Como, na época, não havia concurso para professores municipais nem estaduais, resolvi investir meu fundo de garantia por tempo de serviço em cursinho para o concurso do Tribunal de Justiça do Estado do Pará. Consegui uma boa classificação, mas não fui chamada.

Me dediquei a cursos de formação continuada em LIBRAS, informática, cursos técnicos e demais estratégias de qualificação. Até bolo de pote aprendi a fazer. Nesse ínterim, tentei, por três anos, entrar para o concorridíssimo mestrado em educação da Universidade Estadual do Pará, mas nunca passava da fase de análise dos projetos. Quando foi lançado o edital para Especialização em Educação a Distância na mesma instituição, cujo formato era semipresencial e com aulas e material didático ofertados pela plataforma MOODLE, consegui a vaga que tanto almejei. Garanti assim minha primeira pós-graduação com o tema “Ensino de História na educação a distância: uma perspectiva de ensino-aprendizagem”. É interessante perceber que, naquele ano, o debate e o uso de tecnologias digitais em sala de aula eram uma possibilidade quase nula para professores de História e de outras disciplinas. Nesse mesmo período, não finalizei minha inscrição na Especialização em História Agrária da Amazônia

Contemporânea na UFPA, polo Ananindeua, porque estava em situação de desemprego e era necessária a comprovação de vínculo de trabalho.

O campus da faculdade em que me formei fica bem próximo à casa em que moro e próximo do que hoje se chama Museu Parque Seringal. Lembro-me de passar com meus filhos pequenos ao lado do antigo terreno onde se destacavam as altas árvores de seringueiras. Elas sempre me chamaram atenção pela imponência e pela grandiosidade. Depois que o espaço tornou-se uma Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) e o Museu foi oficialmente fundado, em 2012, passei a frequentar o Seringal para caminhadas como forma de meditação, refletindo sobre a beleza natural do Parque e seu potencial pedagógico para aulas de História.

No final de 2018, consegui ser aprovada no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), mesmo período em que consegui 40 horas semanais para ministrar a disciplina de História em uma escola particular de ensino infantil e fundamental no bairro onde moro na cidade de Ananindeua, o que me permitiu comprovar meu vínculo de trabalho com uma instituição e assim cursar o Mestrado.

Preciso relatar também, que minha caminhada durante o mestrado não foi nada fácil. Como ainda não pertencia à rede de ensino público do Estado do Pará, planejei esta pesquisa no sistema de ensino particular com quatro turmas do ensino fundamental, com as quais trabalhei com a disciplina História em 2019. Porém, com o contrato não renovado, não foi possível realizar a pesquisa na referida escola. Então, pela acolhida por parte da direção e de docentes da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin” em disponibilizar o espaço escolar para o desenvolvimento de minha pesquisa e conhecendo alguns professores e alunos da instituição, foi possível enfim conduzir a elaboração desta dissertação.

Desde o início, nas primeiras aulas do Mestrado Profissional em Ensino de História, entendi que, se o curso é em Ensino de História, então, seria quase certo que se utilizaria os fundamentos de conhecimentos pedagógicos, aqueles que, na minha geração de formandos, entendíamos como uma verdadeira disciplina “inimiga dos historiadores”, mas que, para se formar era necessário cumpri-las. São exemplos desta as disciplinas de Didática Geral, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Estatística Educacional, Psicologia do Ensino e outras cadeiras pouco valorizadas durante minha graduação. Hoje percebo o inestimável valor destas, sem falar no arcabouço teórico que as novas gerações de estudantes da graduação de História recebem sobre o ensino.

Para, de certa forma, me preparar para o início do curso de Mestrado, fiz a leitura do livro “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire, que ficava de um lado para outro na estante

de casa há muito tempo. Hoje reconheço que esta deveria ser uma leitura obrigatória no curso, a fim de que professores iniciantes e aqueles mais experientes entendam melhor os conceitos abordados nas disciplinas e tenham menos dificuldades com os propósitos de um curso de Mestrado Profissional. Essa obra me inspirou definitivamente, pois nela encontrei os pilares para a compreensão do que já era minha prática, ao mediar o aprendizado ou o saber de nossos alunos no ensino fundamental, considerando que o autor diz: “Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”. (FREIRE, 2004). E esse despertar facilitou minha compreensão de conceitos como a consciência histórica de nossos alunos, essencial para iniciar a construção desta dissertação.

Nós, professores, no momento do exercício da pesquisa, somos também observadores, problematizando e construindo conhecimento. Partindo desse princípio, surge o interesse para a construção deste objeto de pesquisa na área do Ensino de História para as séries do ensino fundamental, mais especificamente na já citada E. E. E. F. “Cândido Horácio Evelin”. Esta pesquisa se faz necessária partindo da análise e da importância da História de Ananindeua na constituição de sua memória e identidade, como elemento formador dos sujeitos que nela estão inseridos. Uma cidade relativamente jovem em comparação a Belém, capital do Estado do Pará, e que por muito tempo foi vista apenas como uma “cidade dormitório”.

O município de Ananindeua tem reduzidos espaços de visitação e preservação ambiental que contam sua história, como o Parque Antônio Danúbio e o próprio Seringal, porém ambos correm o risco de fecharem suas portas por falta de manutenção e de vontade política. Nesse contexto, é importante considerar o entorno das escolas como os espaços públicos de visitação para traçar uma estratégia de ensino, aprendizagem e pesquisa que dialogue com o tempo presente. A escola é um microambiente da sociedade, sendo que esta é também formada - quando tem acesso ao conhecimento de sua história - por intermédio de espaços de visitação, como por exemplo o Museu Parque Seringal, localizado no bairro da Cidade Nova VIII, no município de Ananindeua. É uma das poucas áreas de preservação e de memória ambiental da economia da borracha em toda Região Metropolitana de Belém. Esta dissertação tem como contextualização uma proposta de debate sobre o período da Borracha, através de aulas-palestras ministradas para o ensino fundamental, como tentativa de inserir a questão ambiental aos dias atuais, para que se perceba a intervenção dos humanos no meio ambiente, pensando também nas dinâmicas dessas relações à luz da disciplina de História. A partir da emergência das discussões em torno das ações humanas e os impactos no meio ambiente, sabendo que é necessário que esse debate venha para o contexto das aulas de História.

Nada poderia ser mais simbólico do que a pretensão de fazer um estudo sobre o Museu Parque Seringal, pois as experiências de ensino e aprendizagem poderiam ser postas em prática com ênfase na compreensão do contexto do Museu Parque Seringal, o diálogo histórico entre o passado e o presente e a comunidade em geral na qual os estudantes estão inseridos. Para situar a região em que se desenvolveu esta pesquisa faz-se necessário buscar dados sobre a urbanização e a localização de Ananindeua.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Ananindeua é originária de ribeirinhos e começou a ser povoada a partir da antiga Estrada de Ferro de Bragança. É um município brasileiro do Estado do Pará, na Região Metropolitana de Belém. É o segundo município mais populoso do estado e o terceiro da Região Norte do Brasil. Está conurbada com Belém e Marituba.

Acerca da importância de Ananindeua, Eliana Bastos (2013) afirma que:

Ananindeua interessa seja como município – na relação com as demais cidades da federação – seja como integrante da aglomeração de Belém, ou ainda como o conjunto de diferentes bairros (antes ocupações) considerados de risco pela extrema violência imposta pela importância do tráfico de drogas na cidade, tendo em vista as relações de dependência, interdependência e/ou autonomia que estabelece com seus territórios vizinhos (BASTOS, 2013, p.11)

Conforme explicitado, até a década de 1990, a cidade de Ananindeua era conhecida como “cidade dormitório”, pois muitos produtos e serviços eram concentrados e oferecidos em Belém. O conjunto Cidade Nova é um projeto político-social do Pará, amparado no discurso da habitação para a população de baixa renda. Assim, o capital imobiliário no Pará na década de 1970 deu início à demarcação da periferia de Belém. (RODRIGUES, 1998). O conjunto Cidade Nova era conhecido como o principal bairro dormitório de Ananindeua, segundo Eliene Rodrigues (1998):

Ananindeua possui o maior conjunto habitacional do Estado do Pará. O que era pra ser a "periferia de Belém", que atribuiu ao município de Ananindeua o nome de "cidade dormitório", é uma verdadeira "Cidade", um bairro com inúmeros estabelecimentos comerciais, escolas, faculdades, hospitais, clínicas, bancos, postos de gasolina entre outros serviços. (RODRIGUES, 1998, sp)

De projeto habitacional à metrópole, hoje com 58 anos, a Cidade Nova é um bairro em pleno desenvolvimento, alta especulação imobiliária, com características do campo como sítios de produção agrícola e de cidade como faculdades particulares, um campus da UFPA, próximo ao primeiro Shopping Center da cidade, convivendo e conflitando com as demandas de novas necessidades econômicas, sociais e culturais da região.

Sobre a educação em Ananindeua, de acordo com fonte do IBGE do ano de 2017, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade na cidade era de 96,7%; se comparado a outros municípios do país está na colocação 5570º. O resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos anos iniciais do ensino fundamental na rede pública tem média 5,0; e o dos anos finais tem média de 3,9, um índice muito abaixo do primeiro colocado que é a cidade de Sobral/CE, cuja média é de 9,1.

Ananindeua investe pouco em projetos educacionais no ensino fundamental e, assim, está bem longe de oferecer uma educação de qualidade para sua população escolar. Foram coletadas informações baseadas no ano de 2017 do site QEdu, que divulga dados educacionais para auxiliar gestores, diretores e professores. Foram investigados dados sobre a E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”, que está localizada na zona urbana de Ananindeua. Esta análise institucional se fez necessária também para medir o aprendizado no que diz respeito ao ensino de História em Ananindeua. Sob o intuito de conduzir uma abordagem da disciplina, esses dados auxiliam a respeito das dificuldades e das possibilidades pedagógicas e da relação com o ensino e aprendizagem em História e natureza para o melhor aproveitamento da disciplina pelos alunos da escola. Ou seja, entre a escola e o museu, insere-se aqui uma proposta para aumentar os índices de aprendizado dos alunos não só da instituição em tela, mas, sobretudo, da comunidade, que só tem a se beneficiar com a formação de estudantes mais conscientes de sua História e de seus direitos como cidadãos, demonstrando a oportunidade de acesso a um meio ambiente saudável e a preservação de sua História.

Este trabalho torna-se relevante por demonstrar possibilidades de pesquisa e ensino de História que dialoguem com o meio ambiente, para a construção de narrativas históricas pelos alunos, dialogando com o ensino tradicional e levantando reflexões sobre o meio ambiente do Museu Parque Seringal, o que colabora para o ensino da disciplina de História, ao colocar os alunos como produtores de conhecimentos e sujeitos históricos.

As temáticas debatidas em torno do Museu Parque Seringal com o ensino de história no presente trabalho foram organizadas em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Museu Parque Seringal: Lugar de História”, o referido Museu é apresentado como espaço de construção de conhecimento histórico; discutiu-se sobre a trajetória de sua fundação e como unidade de conservação em um contexto de aprendizado para além da sala de aula. Finalizamos o capítulo com o relato das representações em relação ao seringal, que vão muito além de proporcionar um passeio em tempo livre.

No segundo capítulo, intitulado “Conexões ambientais entre árvores, museu e escola”, discute-se a temática entre história e memória afetiva relacionando árvores que deram origem

a nomes de bairros, de cidade e da seringueira que inspira a construção desta pesquisa, trazendo para o debate também a análise estrutural da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”, finalizando com a proposta de contextualizar os problemas ambientais e situar o tema próximo aos espaços vividos pelos alunos.

No terceiro e último capítulo, “Visita guiada – Museu Parque Seringal”, consideramos que a aula-passeio e a experiência com a plantação de mudas são saberes socialmente construídos na prática da comunidade e vivenciada pelos alunos colaboradores desta pesquisa, fazendo um relato sobre a construção do produto, a resposta dos alunos e o uso do guia como possibilidade didática e pedagógica. Demos ênfase também à riqueza natural do Seringal na proposição para visitas, tanto de escolas quanto de transeuntes e de pesquisadores que queiram conhecer a versão deste roteiro produzido com a participação dos alunos, para aulas-visita ou aulas-passeio, aproveitando o potencial didático que pode ser utilizado em diferentes disciplinas como a História, Ciências, Estudos Amazônicos entre outras, e que valoriza o ponto de vista dos alunos, ou seja, o conhecimento histórico deles. Enfatiza-se aqui que o material produzido, um *folder*, pode ser utilizado amplamente quando for possível o acesso a esses espaços em um momento de maior controle da pandemia do COVID-19.

Como o tempo de produção desta pesquisa de dissertação demandou uma certa agilidade para a finalização e realização dos objetivos propostos, a visitação e posterior produção do *folder* ocorreram em momentos antes e após decreto do Governo do Estado do Pará para o início escalonado da presença dos estudantes em sala de aula. É importante frisar que tivemos menos de dois meses para pôr em prática essas dinâmicas; tanto na E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”, quanto no espaço do Museu Parque Seringal.

2 MUSEU PARQUE SERINGAL: LUGAR DE HISTÓRIA

No Diário Oficial do Município de Ananindeua, de 09 de abril de 2012, publicou-se a sanção da lei de criação do Museu Parque Seringal. Essa lei dispõe que o Museu é uma Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), criada de acordo com a lei municipal Nº 2560/2012, com uma área total de 1.348 hectares e perímetro de 513m. Esse termo, ARIE, consta na lista oficial de categorias de Unidades de Conservação estabelecidas pela Lei 9.985, de 18 de julho de 2000 (BRASIL, 2000).

A Unidade de Conservação se trata de “uma área delimitada para haver preservação de pelo menos um ecossistema, ou de uma beleza natural, histórica ou cultural [...] ou de um recurso natural (como a água, o solo, a flora e a fauna) ” (BACHA, 1992, p. 341), que pode ser Federal, Estadual ou Municipal.

O nível de ocupação humana dessa área, que pode ser aquática ou terrestre, depende de sua classificação como “Unidade de Proteção Integral” ou “Unidade de Uso Sustentável”. Porém, o “Roteiro para criação de Unidades de Conservação Municipais” (OLIVEIRA; BARBOSA, 2010) se preocupou em destacar que

Ao contrário do que se pensa, as unidades de conservação não são espaços intocáveis e se mostram comprovadamente vantajosas para os municípios, tendo em vista que podem evitar ou diminuir acidentes naturais ocasionados por enchentes e desabamentos; possibilitar a manutenção da qualidade do ar, do solo e dos recursos hídricos; permitir o incremento de atividades relacionadas ao turismo ecológico, e proporcionar a geração de emprego e renda. (OLIVEIRA; BARBOSA, 2010, p. 7-8)

Sendo assim, as Unidades de Conservação Municipais são pensadas como áreas diretamente ligadas com a dinâmica social, principalmente aquelas classificadas como “Unidade de Uso Sustentável”, o que é o caso do Museu Parque Seringal. Porém, ainda existem subcategorias de “Unidades de Proteção Integral” e “Unidades de Uso Sustentável”.

O quadro a seguir apresenta essas subcategorias a partir da Lei que dispõe sobre as Unidades de Conservação:

Quadro 1 – Categorias e subcategorias das Unidades de Conservação no Brasil.

Área de Proteção Ambiental (APA)	Estação Ecológica (ESEC)
Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE)	Reserva Biológica (REBIO)
Floresta Nacional (FLONA)	Parque Nacional (PARNA), Parque Estadual, Parque Natural Municipal

Reserva Extrativista (RESEX)	Monumento Natural (MONA)
Reserva de Fauna	Refúgio da Vida Silvestre (REVIS)
Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS)	Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN)

Fonte: elaboração própria

O Parque Ambiental Antônio Danúbio está localizado na categoria de “Unidades de Uso Sustentável” e na subcategoria ARIE. A característica desse tipo de área é apresentada no Art. 16 da Lei que dispõe sobre Unidades de Conservação:

Art. 16. A Área de Relevante Interesse Ecológico é uma área em geral de pequena extensão, com pouca ou nenhuma ocupação humana, com características naturais extraordinárias ou que abriga exemplares raros da biota regional, e tem como objetivo manter os ecossistemas naturais de importância regional ou local e regular o uso admissível dessas áreas, de modo a compatibilizá-lo com os objetivos de conservação da natureza. (BRASIL, 2000)

Considerando essa definição do Art. 16 da Lei 9.985 de 18 de julho de 2000, a Lei Municipal que estipula a criação do Museu Parque Seringal decretou o espaço como ARIE. Na lei de criação do Museu, é interessante perceber a descrição do Art. 2, no qual podemos verificar os objetivos para o qual foi criada a ARIE “Museu Parque Seringal”. Desse modo, estabelece em seus incisos a seguinte determinação:

- I - Manter o ecossistema natural de importância regional e local;
- II- garantir a preservação e a proteção da fauna e da flora ali existentes;
- III - promover a utilização dos componentes naturais na educação ambiental, com a finalidade de tornar a comunidade parceira na conservação do patrimônio natural do município;
- IV - Proporcionar à população condições de exercer atividades culturais, educativas, recreativas e de lazer em um ambiente natural equilibrado;
- V - Resgatar a identidade patrimonial histórica e cultura locais, com destaque à valorização do Ciclo da Borracha no Município de Ananindeua. (BRASIL, 2012)

Podemos perceber que a própria lei evoca características interdisciplinares em seu texto, a partir de temas como “ecossistema natural, regional e local” e “identidade patrimonial histórica”, conceitos presentes na Biologia e na Geografia, respectivamente. O uso desses termos torna possível, também, um estudo sobre esse espaço, dialogando com o ensino de história e natureza, que de acordo com Ely Berço Carvalho (2012):

Assim, devem ser levados em conta esses outros “sujeitos da história”, os “elementos naturais”, que têm a capacidade de condicionar, significativamente, a sociedade. Não mais se busca explicar os fatos sociais exclusivamente pelos fatos sociais, como fazia Durkheim, não mais explicar a sociedade pela sociedade e a “natureza” pela “natureza”, mas se procura entender a interação

entre ambas, que gera a sociedade e a “natureza”, tal como se conhece, unindo, dessa forma, o que jamais esteve separado, salvo nas análises humanas. (CARVALHO, 2012, p.111).

O contexto do Art. 2 da Lei de criação do Museu proporciona um diálogo com os conceitos utilizados pelas áreas do conhecimento citadas e as determinações para as quais o Museu foi criado. Sendo assim, um campo fértil para educadores, pois, ainda segundo Ely Bergo (2012), “a natureza não aparecia nas aulas de história”, dadas as poucas alusões à natureza como uma fonte de reflexão histórica nos livros didáticos e paradidáticos, nos quais o meio natural surge como mera ilustração para outros contextos históricos. Nesse sentido, podemos inferir que, no conjunto dos espaços do Museu Parque Seringal, existe a possibilidade de “ensinar a interação entre ambas: a sociedade e a natureza”, haja vista conter uma simbologia agregada de historicidade em torno da presença das árvores de seringueiras, fator primordial para que esse espaço se tornasse o segundo parque ambiental do município de Ananindeua.

O primeiro inaugurado na cidade foi o Parque Antônio Danúbio, localizado na BR-316, principal via de acesso a região metropolitana entre Belém e Ananindeua. Este espaço, a propósito, está há muitos anos fechado para visitação da comunidade.

No ano de inauguração do Museu Parque Seringal, o espaço contou com uma programação em virtude da 6ª Primavera dos Museus, que, assim como outros eventos organizados pelo IBRAM, tem potencial agregador de direcionar as diferentes instituições museológicas a abordar um mesmo tema a partir de diferentes perspectivas. (MABE, 2022).

A Primavera é uma temporada cultural coordenada pelo Ibram que acontece todo ano no início da estação homônima. Tema: A cada ano, o Ibram lança um tema diferente para nortear as atividades dos museus. Objetivos: Promover, divulgar e valorizar os museus brasileiros; aumentar o público visitante; intensificar a relação dos museus com a sociedade (IBRAM, 2020).

Em setembro de 2012, ano da inauguração do Museu Parque Seringal, o tema do referido evento foi “A função social dos museus”. Nesse sentido, o espaço do museu que corresponde à fauna e à flora e ao museu do seringueiro, contou com uma extensa programação como exposição de arquivos sobre os Soldados da Borracha, ilustração da importância do papel histórico-cultural dos Soldados da Borracha na Amazônia, ação educativa - Trilha interpretativa Caminhos dos Seringais, roteiro panorâmico de valor histórico e cultural, visita monitorada, nas quais foram abordados a identificação botânica e os fenômenos naturais da seringueira; contações de histórias sobre os seringais do Município de Ananindeua, resgate do patrimônio histórico e cultural dos seringais da Amazônia e o Tapiri

de defumação da borracha, uma demonstração do processo de transformação do látex em borracha, no tapiri de defumação, que também faz referência às condições de trabalho do seringueiro. Uma síntese desse evento está disponível no site do IBRAM. Porém, é possível perceber ao analisar os guias de programação dos anos subsequentes que a função social do Museu Parque Seringal só teve visibilidade naquele ano. Ou seja, desde 2012, este museu não participa mais da programação, que tem alcance nacional e que poderia dar mais visibilidade, promover, divulgar e valorizar os museus. O Seringal, como é chamado pela comunidade, foi deixado de lado e nunca mais foi *locus* de eventos da Primavera dos Museus.

2.1 O Museu e seus significados

Localizado na cidade de Ananindeua, no Estado do Pará, e próximo a algumas escolas municipais, particulares e estaduais, entre elas a que é *locus* desta pesquisa, o Museu Parque Seringal é uma área remanescente da plantação de antigos seringais no município de Ananindeua, com cadastro no Instituto Brasileiro de Museus.

Durante o processo de construção do conjunto habitacional Cidade Nova, do subconjunto VIII e do loteamento Tóquio, foi preservada a área do MUPS com aproximadamente 12 mil 14 m², contendo uma plantação com 118 seringueiras (*Hevea brasiliensis*) (segundo o último levantamento feito pela gestão local em 2016), que ficou conhecida entre os moradores do entorno como “O Seringal”. Em média trinta anos depois o bairro se desenvolveu economicamente e foi alvo de políticas públicas de urbanização e saneamento básico. (DA SILVA, 2018,p.35).

De acordo com Da Silva (2018), existiam muitos loteamentos no bairro da Cidade Nova que pertenciam a famílias de descendentes de japoneses que “compunha os lotes agrícolas pertencentes a um grupo de 11 famílias de imigrantes japoneses que foram adquiridos pela Companhia de Habitação do Pará - COHAB/PA para a construção do conjunto habitacional Cidade Nova” (p. 36). Conjuntos estes que correspondem à Cidade Nova I, II, III, IV, V, VI VII e VIII - neste último está localizado o Museu Parque Seringal.

O portão de entrada do Museu Parque Seringal se encontra na Tv. We 36, contudo, o visitante também pode ter acesso por meio de uma passarela que interliga a outro portão de entrada pela We 34, que fica mais próxima à placa de inauguração do Museu.



Fonte: acervo pessoal

Figura 2 – Placa de inauguração do Museu Parque Seringal



Fonte: acervo pessoal

Como as imagens utilizadas na primeira versão desta dissertação haviam sido coletadas por meio de endereços eletrônicos e blogs na internet, procurei dar continuidade a pesquisa iniciando com arquivos de imagem de acervo pessoal. Entretanto, o processo de pesquisa deste texto demandou inúmeros cuidados sanitários em razão da propagação do vírus da COVID-19. O atendimento ao público e as atividades no Museu Parque Seringal foram suspensas, em consonância com o decreto Municipal Número 20.431, de 18 de março de 2020, momento em que a pandemia causada pela novo coronavírus se alastrou tragicamente no Pará e em todo território nacional, causando milhares de perdas humanas irreparáveis.

Desde o início da propagação do vírus, foram feitos outros decretos de suspensão de atividades em diversas repartições públicas Brasil afora. Inicialmente, foram previsto quinze dias de suspensão, prazo que era continuamente prorrogado quanto mais o vírus se alastrava e mais numerosos os casos se tornavam. As autoridades sanitárias mundiais ainda estavam ainda iniciando os estudos para o desenvolvimento de uma vacina para tentar conter a doença.

O Museu Parque Seringal foi também afetado por essa realidade, mas não abandonou seu caráter sociocultural.

Os museus-parques estão localizados nos arredores, ou mesmo distantes de grandes centros urbanos, em zonas rurais, e convidam o público a vivenciar uma experiência singular que é proporcionada pela tríade paisagem- arquitetura-arte. Dessa maneira, consideramos os museus-parques como sendo instituições diferentes daquelas denominadas como parques de esculturas (ou “museus a céu aberto”). (RIBEIRO, 2016. p.96)

No contexto do Museu Parque Seringal, caberia uma análise histórica: como paisagem natural e cultural, pois, podemos dizer que nesse Museu existe uma paisagem natural que foi possibilitada pela interferência do homem. Em dado momento histórico (por volta da década de 1940), a vegetação original deu lugar à plantação de um seringal, dando a perceber as interferências do homem que acabaram por comprimir-se na fisionomia do espaço, conferindo-lhe uma nova singularidade. (BARROS, 2006, p. 464).

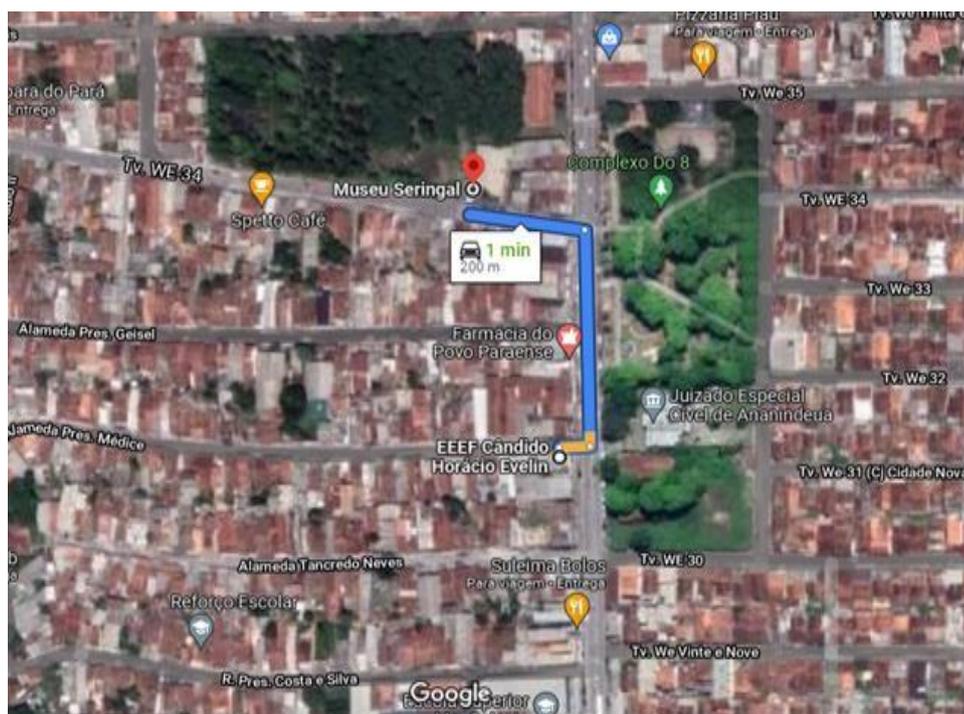
De acordo com Schama (1996), “a paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre a mata, água, rocha”. Sobre o constructo cultural projetado sobre a natureza, citado pelo autor, o Museu Parque Seringal tem a singularidade: é um parque fruto da intervenção humana. Não é uma paisagem natural, que de acordo com a geografia são as cachoeiras, montanhas e florestas preservadas, mas proporciona a tríade apresentada por Isaías Ribeiro (2016): paisagem-arquitetura-arte, com a organização de eventos tanto para a comunidade escolar quanto para a comunidade em geral.

O Museu Parque Seringal se encaixa no contexto de Museu Parque por estar localizado na zona metropolitana de Belém, porém bem afastado do centro e tem como características peculiares aspectos do rural e do urbano. Oferece também a experiência de dar atenção para a história do município de Ananindeua e levantar o debate para a conservação do meio ambiente.

Ao chamar atenção para a importância dos parques, Sousa (2013), relata que:

Diante da necessidade de tornar as cidades mais sustentáveis e ecologicamente equilibradas, os parques devem se adaptar a essas modificações por meio de técnicas e materiais utilizados, garantindo a conservação e preservação dos recursos hídricos e considerando que planejar um parque é entender as demandas do entorno, com a população envolvida, além do histórico em que ele está inserido. Assim, o parque deve ser o palco de acontecimentos, das manifestações, das novas ideias, promovendo o direito à cidade. (SOUSA, 2013, p. 10).

Figura 3 – Localização do Museu Parque Seringal



Fonte: Google Maps

A associação dos museus com parques, ou com qualquer outra área de preservação ambiental, fundamenta-se na salvaguarda do patrimônio natural e cultural, e no entendimento de que um é intrínseco ao outro (SILVA, 2018). Com isso, podemos também observar, passando o portão de entrada do Museu, que o ambiente resguarda o patrimônio natural que são as árvores de seringueiras, na qual está em destaque a palavra “Seringal”, como

popularmente é conhecido o local, fazendo parte da essência tanto do Museu quanto do Parque. Importante ressaltar que, em sua extensão de 12.000 m², existem outros espaços, dando destaque ao chalé no qual está a administração e o anfiteatro que abriga diversas programações, um parquinho para crianças e o memorial.

Figura 4 – Chalé da administração e anfiteatro



Fonte: acervo pessoal

Figura 5 – Parquinho para crianças



Fonte: acervo pessoal

2.2 Do encastelamento da História à possibilidade aprendizado sobre a natureza

A organização de tais espaços que compõem o Museu está retratada como um gabinete de curiosidades, perfilando cada ambiente onde os sujeitos históricos estavam inseridos, como uma tentativa de transportar o visitante para o passado. Assim, há uma leitura disposta ideologicamente, a qual reafirma uma interpretação superficial do contexto do ciclo da borracha na Amazônia, de forma que cada recinto corresponde ao modo como viviam os seringueiros, o ambiente do barracão – local de venda de produtos de primeira necessidade, o qual dobrava a dívida do trabalhador seringueiro ao vir para a Amazônia – e a tentativa de demonstrar como vivia a elite que se beneficiava dos lucros da produção da borracha. Assim, a História do período fica, de certa forma, encastelada, restrita ao memorial, espaço de exposição localizado dentro do espaço do Parque. É necessário que se perceba a composição da natureza presente em toda a extensão do Museu Parque Seringal.

Figura 6 – Espaço Memorial e sua exposição permanente.



Fonte: acervo pessoal

Conforme o exposto, podemos inferir que o Seringal, como popularmente é chamado, se encaixa perfeitamente nas ideias de conservação e preservação para atender a comunidade, devido a relevância que tem em todo o entorno de sua localização, no qual é possível a promoção de atividades de lazer e pedagógicas como as aulas de História – em um contexto de aprendizado para além da sala de aula. São poucas as áreas verdes públicas disponíveis nas proximidades do Museu para atender a população de Ananindeua que, segundo fonte do IBGE, é estimada em 530.598 pessoas. Configura-se, assim, uma forma de possibilitar o direito e o acesso à cidade e à História de Ananindeua.

Figura 7 – Parte interna de uma trilha



Fonte: acervo pessoal

De acordo com Florez, Sanjad e Okada (2018), em estudos sobre o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi, relatam que as duas instituições foram estudadas como museus, seus espaços físicos como exposições e suas respectivas coleções vivas da flora amazônica como pontes entre as duas instituições e entre o passado e o presente. No caso do Museu Parque Seringal, há exemplares da flora Amazônica demonstrando em certo sentido o contexto da vida nos seringais. Tanto o memorial como a área verde funcionam da mesma forma, como citam Florez, Sanjad e Okada (2018), uma ponte entre o passado e o presente.

2.3 A concepção de outros atores do parque

Campos (2016) relata que:

Ao fazer uma abordagem sobre o MPS na perspectiva de ser ele uma área de lazer, que ao avaliar o tempo histórico, é evidente que os parques são diferenciados, em relação aos objetivos e papéis, das necessidades vivenciadas pela sociedade. Desse modo, ele tem a função social, estética e ecológica, configurando-se como espaços onde os indivíduos podem gozar do seu “tempo livre”, uma necessidade cada vez mais presente nas populações urbanas. (CAMPOS, 2016. p.9).

É importante perceber que o citado autor faz uma leitura do Museu Parque Seringal sob o ponto de vista de sua importância enquanto área de lazer, que desempenha diferentes papéis na comunidade local. Campos (2016) dá ênfase ao Museu como um espaço cuja a função é ser o local em que a sociedade possa gozar de seu “tempo livre”. As representações em relação ao seringal, no entanto, vão muito além disso. Essa percepção corrobora com os depoimentos de quem trabalha e vive nas proximidades do Seringal.

No período de sua inauguração, o parque possuía cerca de 130 árvores de seringueiras, informação corroborada atualmente, em entrevista com um dos vizinhos mais antigos e que mora desde 1987 ao lado do parque

Quando eu cheguei aqui esse Museu era um matagal, até eu jogava lixo aí dentro, porque não tinha onde jogar eu jogava só não jogava nessa parte na frente da minha casa que eu resolvi plantar e zelar de lá pra (sic) cá é isso. Isso aqui teve um tempo que quiseram “invadir”, mas a comunidade se juntou e barraram, não deixou. Também tinha muito bandido. Mas eu sempre gostei de plantar ainda hoje gosto, aí eu plantei essas mangueiras, Taperebázeiro (árvore de taperebá), jambeiro, carambola, graviola, plantei um cupuaçuzeiro, mas não cresceu. E é isso! (J. L., vizinho do parque, 75 anos – comunicação pessoal).

Este senhor é uma personalidade que reside na Tv. We 36. Ele mora em frente ao Seringal – como também o chama – e pode ser visto todas as manhãs sentado ao lado de fora junto ao muro do Parque, bem embaixo das árvores por ele plantadas antes do Seringal ser um parque público. Como relata em seu depoimento, a área era um repositório de lixo doméstico e de entulho. É interessante perceber em sua fala que até ele jogava lixo no local, só não na área que ficava bem em frente à sua casa, na qual começou a plantar diversos tipos de árvores frutíferas, quase como uma extensão de seu quintal. Revela também, que houve a tentativa de tomada de posse do terreno irregularmente, mas a comunidade se organizou e não deixou que o fato ocorresse.

Figura 8 – Muro do Seringal, sob da sombra da Mangueira está o senhor J. L.



Fonte: acervo pessoal

Regina Horta Duarte (2007) relata que:

Este evento – ainda bastante presente na memória dos moradores mais antigos da cidade - demonstra como os estudos sobre as relações entre as sociedades e a natureza não devem se limitar a áreas de preservação, florestas ou campos facilmente reconhecíveis como ambientes naturais. Os homens citadinos convivem com rios, com o lixo que produzem, com uma fauna urbana e também com as árvores das praças, dos parques e das ruas pelas quais transitam cotidianamente. (DUARTE, 2007. p. 26).

O contexto do relato da autora acima citada diz respeito a seu artigo sobre a derrubada de árvores de ficus da Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte/MG, ao longo da década de 1960, para que, com a retirada das árvores, desse lugar o alargamento das ruas, “numa época em que a frota de carros particulares (...) cresceu assustadoramente”. O depoimento do senhor J. L., um dos moradores mais antigos dos arredores do Seringal, tem uma similaridade que corresponde ao trecho da autora. Ele faz um relato sobre a memória dos moradores mais antigos da cidade, comprovando o que estudos dizem sobre as relações entre as sociedades e a natureza. No caso do depoimento do senhor J. L., a mudança na paisagem foi para melhor, em

certo sentido, pois a criação do parque reforçou o processo de preservação da vegetação ali presente.

O morador demonstra também sua relação de afetividade com o Seringal, e não esconde certo orgulho em sua fala por ter colaborado com a plantação de outras espécies de árvores e por ser protagonista, direta ou indiretamente, da construção da História do Museu Parque Seringal. Além de deixar registrado sua marca com a plantação de árvores, foi citado pela técnica em engenharia ambiental do Museu como um colaborador que já fez muitas palestras para alunos em visita ao Seringal.

Em uma análise mais específica sobre a relação do senhor J. L. com o Seringal, há também uma ruptura, pois, hoje em dia aposentado, ele aproveita da sombra da árvore da Mangueira por ele plantada, entretanto, existe um muro que os separa. O progresso, ou seja, a transformação do local em área ambiental, o distanciou das árvores plantadas por ele. Com isso, temos um pouco mais de materialidade da compreensão de que falar de árvores é também falar de gente e da relação entre as pessoas.

Em entrevista para esta pesquisa, a diretora do Parque Seringal relata que, em relação à questão do uso do espaço, precisa ser solicitado por meio de um ofício com sete dias de antecedência para uso, sempre informando o material a ser utilizado:

Seja para aniversário, um piquenique, porque aqui é um “parque ambiental” e nós temos algumas orientações a serem cumpridas e a ser repassadas até no acolhimento das crianças que é bom que estejam de tênis por conta das formigas, dos insetos, o uso de repelentes um bonezinho, máscaras faciais agora né. Então tem essas orientações que a gente precisa tá repassando. E assim também como o uso de som as vezes tem uma certa altura por conta dos pássaros. O próprio responsável que quer realizar um piquenique quer trazer um brinquedo inflável precisa ter essa orientação de que esse brinquedo não pode ser acessível apenas para os convidados porque é um espaço público não tem como chegar com uma criança e dizer: Não, não pode utilizar; num espaço aberto. Aqui é um espaço para todo uso né! A questão das escolas nós temos as atividades com o conhecimento do Parque como um todo, como a realização da trilha e a visita ao Museu. E aqui nós funcionários nos ajudamos a tentar manter né! Como você verificou a função de administradora, gerenciando, eu coloco a mão na massa sim, até porque eu acho que eu sou o primeiro exemplo pro meu grupo, se eu faço mutirão eu sou a primeira a impulsionar para que todos trabalhem em conjunto. E aqui além de mim temos a engenheira a professora de ginástica e a gente vai se ajudando. E tínhamos 17 servidores, nós tivemos exonerações em 2017 que se reduziu a nove atualmente, hoje eu estou com a direção administrando, a engenheira agrônoma, a professora que exerce a atividade de ginástica no projeto da amigas do Parque, a professora de funcional que o contrato dela terminou no dia trinta de setembro e a gente tá vendo a possibilidade de ela retornar até pela atividade que ela vem executando com o grupo e um rapaz que assumiu no início do mês para a função de manutenção do espaço para me ajudar, porque eu preciso de uma pessoa que contribua de tudo um pouco, por exemplo precisa de um conserto no “Play” ou consertar um banco, ele foi admitido dia primeiro e já está ali com a mão na massa! E agora

estou com uma estagiária do curso de Pedagogia que vai ficar diretamente aqui no museu pela manhã aberto para a visita que a partir do dia primeiro de outubro está com o espaço aberto à visita de terça a sexta e nos sábados e domingos em forma de plantão de acordo com nossas demandas porque a gente ainda não está com o quadro completo. Assim, a questão dos funcionários as solicitações já estão começando a ser atendidas, a nossa demanda começou a crescer justamente porque a questão da pandemia já deu uma queda e começou os agendamentos para o uso, isso porque estava um pouco parado. Eu vejo que a gestão do novo prefeito está caminhando de maneira muito positiva né! Tem algumas coisas que eu questiono, o povo é muito crítico e as vezes em si o Parque não é abandonado, nunca foi porque a gente tem a visita, os visitantes diários que vem fazer a caminhada; só que ele requer realmente de uma manutenção maior e isso a gente estava tendo uma certa dificuldade mediante, mas as coisas estão sendo ajustadas, graças a Deus em relação a isso eu estou vendo bastante melhoras futuras. (L. S., diretora do Museu Parque Seringal, 2021 – comunicação pessoal).

Em seu depoimento, a diretora do parque relatou ainda que muitas árvores de seringueiras são substituídas periodicamente devido às chuvas. As árvores frequentemente são acometidas por cupins e estão suscetíveis às intempéries climáticas, como aconteceu recentemente de uma seringueira ser atingida por um raio e vir abaixo. Entretanto, podemos perceber, no contexto de seu relato, uma fala institucional, obviamente descrevendo as atividades realizadas e as diversas funções sociais que o parque pode proporcionar à sociedade. Quando fala sobre a questão das escolas, resume a realização das atividades como o conhecimento do Parque, a realização da trilha e a visita ao Museu de maneira rápida e mecânica.

É preciso que se diga que o Seringal ficou abandonado em virtude da mudança na gestão municipal a partir 2018. É possível encontrar a diretora do Seringal ajudando na limpeza, plantando e separando mudas. Podemos perceber também a situação de abandono dos chalés; o Memorial não tinha condições de receber visitas, pois estava tomado de mofo e de umidade, inclusive o prédio da administração, que, por ocasião das chuvas periódicas – características de nossa região Amazônica – sofre com alagamentos. Assim, são necessários muitos reparos e substituição das tábuas de madeiras em quase todos os chalés, que estão apodrecendo. A drenagem do parque precisa também ser restabelecida. Em que pese haver problemas estruturais de toda a sorte, é perceptível na fala da diretora do Parque um sentimento de pertença e de amor ao trabalho realizado nas dependências do Museu Parque Seringal.

3 CONEXÕES AMBIENTAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Árvores trazem lembranças e memória afetiva. Quem entrava e saía da capital paraense até os idos da década de 1980 do século passado vislumbrava uma Castanheira que ficava nos limites entre Belém e Ananindeua. A árvore representava um ponto cardeal inserido na cultura dos viajantes e transeuntes que passavam pela estrada ferro Belém – Bragança. ao qual Siqueira (2008) relata que:

O trem havia cruzado os limites de Benevides, Marituba e Ananindeua e finalmente chegava a Belém. A imponente castanheira era a referência. Um tronco de aproximadamente dois metros de diâmetro sustentava uma bela árvore, cuja popa balançava ao sabor do vento a vinte e cinco metros de altura, plantada exatamente na entrada da cidade, na curva mais famosa da capital paraense: A curva da castanheira (SIQUEIRA, 2008, sp).

A referida Castanheira foi, até a década de 1980, um ponto de referência para quem entrava e saía de Belém, localizada em frente ao Seminário Teológico de Belém, deu nome ao bairro onde estava localizada. Até a pavimentação da BR-316, não havia incômodo algum com a presença de tal árvore. Com a construção da primeira grande loja de departamentos em Belém – o shopping center Castanheira –, a árvore, não se sabe como, foi aos poucos morrendo, ficando por muito tempo apenas seu tronco, ainda assim servindo como ponto de referência e como escultura de sua própria morte.

Figura 9 – Castanheira histórica localizada na BR-316



Fonte: José Mesquita Santos (reprodução do Facebook)

Nessa perspectiva, podemos referenciar também a árvore de Anani, a qual serviu de inspiração para nomear o Município no qual se origina esta pesquisa. O nome Ananindeua deve-se à existência de grande quantidade desta árvore, que crescia à margem do igarapé que recebeu o nome de Ananindeua. (IBGE,2020).

Sobre as propriedades do Anani, Pesce (2009) faz interessante análise:

ANANI *Symphonia globulifera* L. f. Encontra-se, esta árvore, nos terrenos pantanosos em toda a Amazônia, especialmente na região das Ilhas, nas Guianas, Maranhão e América Central. É caracterizada pelas suas enormes sapopemas e pela resina amarela, que está contida, tanto nas folhas, quanto no tronco e frutos. Esta resina, parecida com a de bacuri, é usada misturada com carvão de imbaúba para preparar um betume preto, utilizado como pés de sapateiro para encerar fios de vela e diversos usos domésticos. (PESCE, 2009, p.234).

Como a Seringueira, o Anani tem como característica a utilização de sua resina, porém, com qualidades e finalidades diferentes entre si, foi comercialmente mais valorizada. O Anani, como podemos perceber, tinha o seu valor para o povo ribeirinho – distante do acesso à energia elétrica – que fazia uso de seus conhecimentos advindos das propriedades florestais para fabricação de velas e diversos usos domésticos. Através dessa árvore, pode se produzir a resina de cerol, utilizada para lacrar as fendas das embarcações (IBGE, 2020), meio de transporte indispensável entre o meio urbano e de acesso aos municípios e ilhas no entorno de Belém e em toda a região amazônica até os dias atuais.

Fundamental ressaltar a árvore que servirá de inspiração ao percurso desta pesquisa: a Seringueira (*Hevea brasiliensis*). Tal árvore carrega consigo uma jornada sem precedentes para a Amazônia. Poderíamos dizer que a Seringueira, pelo seu valor histórico, poderia ser o símbolo da região Amazônica. Sem desmerecer outras espécies, a Seringueira tem um valor peculiar, não apenas sob uma leitura economicista de todo o processo histórico referente ao ciclo da borracha, mas também por chamar atenção para um aspecto em torno do Ensino de História na Amazônia, mais precisamente sob o ponto de vista do Ensino de História em Ananindeua. Esse vegetal nativo da Amazônia será apresentado, a partir de então, como objeto de estudo para o debate desta pesquisa, partindo da observação do que essa espécie tem de historicidade, no que diz respeito a uma interpretação que dialogue sobre a natureza presente no Museu Parque Seringal e a possibilidade do Ensino de História.

Este capítulo está estruturado em três seções. Na primeira, a abordagem foi direcionada para um breve histórico ancorado na visão do relato de um dos viajantes, que pressupõe o interesse pela flora e entre outros exemplares naturais, pelas qualidades da Seringueira encontradas ao longo do rio Amazonas. A seção seguinte apresenta a relação entre

o Museu Parque Seringal e a Escola “Candido Horácio Evelin”, sua estrutura e possíveis atividades relativas ao Ensino de História. Na terceira e última seção, é apresentada a experiência com os alunos do nono ano da referida instituição.

3.1 Sobre árvores e o ensino de história: seringueiras

Figura 10 – Exemplar de seringueira presente no Museu Parque Seringal



Fonte: acervo pessoal

Esta é uma das árvores de seringueiras que compõe o conjunto da natureza formada por outras espécies no Museu Parque Seringal. Sua grandiosidade comporta, além de: bromélias em seu tronco antes de chegar em suas copas quase tocando o “céu”. um contributo para a reflexão do conhecimento histórico. La Condamine, em suas expedições científicas, dissertou:

A resina chamada “caucho” nos países da província de Quito vizinhos do mar é também comuníssima nas margens do Maranhão, e tem a mesma utilidade. Quando ela está fresca, dá-se-lhe com moldes a forma que se quer; ela é impenetrável à chuva, mas o que a torna digna de nota é a sua grande elasticidade. Fazem-se com elas garrafas que não são friáveis, e botas, e bolas ocas, que se achatam quando se apertam, mas que retornam a sua primitiva forma desde que livres. Os portugueses do Pará aprenderam com os omáguas a fazer com essa substância umas bombas ou seringas que não necessitam de pistão: têm a forma de pêras ocas, com um pequeno buraco em uma das extremidades a que se adapta uma cânula. Enchem-se d’água, e, apertando-se quando estão cheias, fazem o efeito de uma seringa ordinária. Tal utensílio é de grande emprego entre os omáguas. Quando eles se reúnem para alguma festa

sua, o dono da casa não deixa de apresentar uma por polidez a cada convidado, e seu uso precede sempre entre eles as refeições de cerimônia. (LA CONDAMINE,1735-1745, p.72)

De acordo com Aldrin Figueiredo (1997), foram Charles Marrie de la Condamine e François Fresneau os primeiros a chamar a atenção dos cientistas europeus para as possibilidades do emprego industrial da borracha. Dessa maneira, infere-se que La Condamine não fazia apenas medições geográficas, objetivo primeiro e oficial de sua viagem. Sua intenção consistia em também observar a presença de exemplares de borracha desde o Equador até o Maranhão, fazer um relatório detalhado sobre como o produto se comportava ainda fresco, por deter uma resina cuja elasticidade já chamava a atenção, e anotar todas as possibilidades de uso. Fruto de informações, coleta e observações de grupos indígenas, podemos perceber que aquele produto extraído da árvore de seringueira era parte de culto ritualístico entre povos Omáguas (FIGUEIREDO, 1997).

Importantes elementos para essa discussão, o relato dos viajantes nos permite identificar que espécies da flora amazônica eram, muito antes do contexto do século XVIII, estudadas com diversos experimentos: plantas que grupos indígenas já utilizavam para confecção de bolas, brinquedos e todo tipo de impermeabilização (FIGUEIREDO,1997, p. 6). Com destaque ainda maior para borracha extraída da seringueira, sobretudo por causa das propriedades que tinha, foi considerada como fundamental para o processo de desenvolvimento industrial dos séculos XIX e XX.

Barbara Weinstein revela uma de suas principais preocupações: pesquisar as causas de não ter a exploração da borracha gerado crescimento substancial, seja do setor industrial, seja do agrícola e também analisar os efeitos dessa economia da sociedade da borracha no contexto do século XIX. Ao fazer referência a exploração do espaço amazônico, a autora relata: “A extraordinária vastidão da Amazônia tem inspirado aos seus invasores fascinação e pavor a um só tempo. Os primeiros exploradores divulgavam a região ora como um paraíso tropical, ora como um inferno verde” (WEINSTEIN,1993, p. 21). Sobremaneira, vale ressaltar como essa percepção da natureza amazônica permaneceu ao longo de todo o processo de ocupação do território, como podemos perceber no relato de La Condamine, a visão que está ainda persistente na atualidade, ou seja, com estigma de uma região com grande potencial natural para ser explorado economicamente.

Sobre a Seringueira, Bárbara Weinstein (1993) relata:

Por ser o habitat da *Hevea brasiliensis*, a Amazônia foi virtualmente o único fornecedor de borracha até a década de 1880; e ainda na virada do século, a produção Amazônica de borracha de alta qualidade excedia a de seu concorrente

mais próximo, a África ocidental. Apenas depois de 1912, com a aclimação bem-sucedida da hévea, é que as plantações asiáticas de borracha arrebatarem da Amazônia a posição de primeiro produtor Mundial. Assim, por mais de setenta anos, a indústria de produtos de borracha - setor chave do crescimento econômico das Nações industrializadas - recebia toda ou a maior parte de sua matéria-prima da região Amazônica (WEINSTEIN, 1993, p. 23).

Podemos perceber a visão de natureza expressa na exploração de um único produto: o látex. Tal produto apresentava similaridade com diversos exemplares que vinham sendo testados e comparados desde o Equador até se chegar ao habitat natural da *Hevea brasiliensis*, de melhor qualidade e encontrada em solos amazônicos. Antes de perder espaço para plantações na Ásia, o Norte do Brasil foi por setenta anos o único fornecedor mundial de seringueira (WEINSTEIN, 1993). Além de todos outros elementos naturais encontrados, a exploração da seringueira se destacou como produto natural indispensável entre diversos setores de beneficiamento industrial.

Produções referentes ao período da borracha na Amazônia, como a dos autores acima citados, revelam um dos elementos naturais explorados pelos invasores que por aqui passaram. Podemos perceber também que a visão de natureza nos permite identificar inicialmente como essa prática da coleta extrativa mudou os rumos da história mundial, no caso, de exploração da natureza em diferentes momentos do processo histórico do extrativismo.

De acordo com Marcos Martins (2008):

No campo da historiografia, modelos construídos no decorrer dos séculos, a despeito de sua enorme diversidade, têm em comum o fato de lidarem mal com a variável natureza ou meio ambiente. Até o século XIX, a natureza encontrou algum espaço nos textos de análise histórica; todavia, na maior parte do século XX, ela foi completamente varrida para fora do campo de visão dos historiadores. Ainda hoje, a esmagadora maioria dos livros de história prescinde de reflexões sobre o ambiente ou sobre o espaço no qual se inserem os processos estudados (MARTINS, 2008, p. 66).

Dessa forma, podemos considerar que a dimensão ambiental da história, além de essencial, garante a ampliação de nossas interpretações (KETTLE, 2018). Além de ampliar, em sala de aula, a abordagem de um determinado tema como o chamado período da borracha, chamando atenção para a especificidade de que esse processo tenha ocorrido no município de Ananindeua. Pois, se existiram áreas de seringais (como a fazenda da Pirelli em Marituba e a Praça do Complexo no bairro da Cidade Nova VIII), são provas de que os efeitos da demanda pelo produto foram presentes na área que corresponde à cidade de Ananindeua. Deste modo, não se pode perder de vistas nem se deixar de considerar que instituir um “parque é entender as demandas do entorno, com a população envolvida, além do histórico em que ele está

inserido. Assim, o parque deve ser o palco de acontecimentos, das manifestações, das novas ideias, promovendo o direito à cidade” (SOUSA, 2013, p. 10).

Assim, uma leitura atenta ao meio ambiente do ponto de vista da árvore de seringueira como uma espécie geradora do debate em torno da História da Amazônia que perpassa diferentes momentos da História do Brasil e do mundo, tem a possibilidade de discutir o processo Histórico sob outros aspectos, ou seja, desencadear temas às aulas de História a partir da observação da natureza como a existente no Museu Parque Seringal.

3.2 A relação entre o Museu Parque Seringal e a Escola “Candido Horácio Evelin”

Para iniciar o debate entre duas instituições relacionadas ao contexto escolar, é imprescindível fazer uma abordagem sobre o que a disciplina História pode contribuir com o tema ambiental. Para tanto, é necessário entender que:

A história ambiental requer o diálogo sistemático com quase todas as ciências naturais, porque elas são imprescindíveis ao entendimento dos quadros físicos e ecológicos das regiões estudadas. Além do intercâmbio com as ciências humanas, uma exigência portentosa já assimilada pelos historiadores, há que se visitar, também, os campos vizinhos supostamente mais distantes: zoologia, botânica, geomorfologia, química etc. Finalmente, em muitas investigações da história ambiental, o trabalho de campo é imprescindível, porque a crônica das relações entre os homens e natureza é lida na própria paisagem: nas águas e nas barrancas dos rios, nas cicatrizes que marcam superfície da terra, nas trilhas e clareiras que interrompem o verde da floresta. (MARTINS, 2008, p. 77)

Com ênfase no debate entre sociedade e natureza, se faz necessário entender como a História Ambiental está diretamente relacionada ao diálogo, tanto com as ciências naturais, quanto com as ciências humanas, já mencionadas anteriormente, como a Geografia e a Biologia. Marcos Lobato (2008) nos revela que é necessário visitar o que ele chama de “campos vizinhos mais distantes”, como a zoologia, botânica, geomorfologia, química entre outras, para que se amplie ainda mais essa compreensão sobre a relação homem-natureza.

Nesse sentido, a ideia está presente também na relação entre o Museu Parque Seringal e a Escola “Cândido Horácio Evelin”, pois ambos podem se inter-relacionar uma vez que estejam inseridos na perspectiva de se ler a natureza, não a partir da paisagem das águas dos rios e clareiras, como assinala o autor, mas do verde proporcionado pela presença das árvores de seringueiras entre outras espécies vegetais, pois não deixa de ser uma representação do que pode ser encontrado em uma floresta. É importante assinalar que a história ambiental, como ciência social, deve sempre incluir as sociedades humanas, mas, também, reconhecer a

historicidade dos sistemas naturais. Portanto, o desafio é construir uma leitura aberta e interativa da relação entre ambos (PÁDUA, 2010, p. 97).

A nova história ambiental se ocupa também em como tem beneficiado os humanos e o mundo natural e como tem refletido acerca de sua relação com esse mundo mais que humano (WORSTER, 2004). Esse conceito perpassa Museu e Escola de modo que há entre ambos a interação entre o homem e o mundo mais que humano, representado pela natureza disposta no Museu Parque Seringal.

Sobre as interpretações que um Museu pode ter a partir do pensamento de Mario Chagas é interessante notar que:

Durante longo tempo os museus serviram apenas para preservar os registros de memória e a visão de mundo das classes mais abastadas; de igual modo funcionaram como dispositivos ideológicos do estado e também para disciplinar e controlar o passado, o presente e o futuro das sociedades em movimento. Na atualidade, ao lado dessas práticas clássicas um fenômeno novo já pode ser observado. O museu está passando por um processo de democratização, de ressignificação e de apropriação cultural. Já não se trata apenas de democratizar o acesso aos museus instituídos, mas sim de democratizar o próprio museu compreendido como tecnologia, como ferramenta de trabalho, como dispositivo estratégico para uma relação nova, criativa e participativa com o passado, o presente e o futuro. (CHAGAS, 2012. p. 5)

A construção de uma narrativa histórica presente no espaço memorial do Museu Parque Seringal, que é o espaço reservado à construção de uma narrativa histórica, apresenta uma proposta de registro de memória e de visão de museu como forma de controlar o passado do período da Borracha na Amazônia.

Este trabalho tem a proposta de pensar o Ensino de História para além da construção da História oficial e poder pensar historicamente as árvores de seringueiras e toda a riqueza ambiental presente em toda extensão do museu. Como a diversidade de exemplares de bromélias e outras plantas, sem contar com a diversidade de espécies de outras árvores como as mangueiras plantadas pelos moradores mais antigos, temos também uma jovem árvore de Anani plantada próximo ao prédio do Memorial que tem a intenção de trazer o conhecimento ao visitante sobre a origem da cidade de Ananindeua, logo percebe-se a intenção de historicidade.

A presença das árvores de seringueiras tem destaque em quantidade e longevidade, pois muitas datam da década de 1940. Destaque também para a primeira árvore de Anani plantada no parque. Essas árvores nos trazem a possibilidade de pensar as relações entre sociedade e natureza ao longo do tempo. Ou seja, outra interpretação do contexto histórico

correspondente ao período que suscita uma leitura que colabora com o ensino de História do ponto de vista ambiental.

Figura 11 – Jovem árvore de Anani plantada no Museu Parque Seringal, em primeiro plano



Fonte: acervo pessoal

A paisagem natural observada no parque conta a História do período da Borracha e pode desencadear outras interpretações sobre a relação da natureza com o homem do presente e do passado. Contudo, o maior desafio é reconhecer que essas instituições criam e acolhem o humano e por isso mesmo podem ser devoradas, devorar e ressignificar os museus: esse é um desafio para as novas gerações (CHAGAS, 2012).

A geração de alunos que moram ou estudam próximo ao museu, por exemplo, pode ter concepções e diferentes interpretações sobre aquele espaço, não só sobre o período da borracha, pois podemos inferir que a natureza existente no Museu Parque seja mais simbólica para os alunos da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin” do que a História relatada durante a visita na exposição do Memorial.

Figura 12 – Fachada da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”



Fonte: acervo pessoal

A história da Escola “Candido Horácio Evelin” tem início na década de 1980. Seu primeiro prédio foi doado pelo presidente de um centro comunitário, com estrutura em madeira. Ainda de acordo com a leitura do Projeto Político Pedagógico da Escola, é possível verificar que:

No início da gestão da nova diretora em 1998, como a unidade escola funcionava apenas o ensino fundamental menor, a professora Noêmia Andrade Bastos buscou gradativamente ampliar as séries do ensino da escola devido à grande demanda de alunos e a necessidade da comunicação local. Implantou em 2001, com autorização da Seduc o ensino fundamental da 5ª e 8ª série e da 3ª e 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos, extinguiu por determinação da secretaria de educação a educação infantil.

Em 2002 a SEDUC resolveu cancelar o convênio com a proprietária do prédio devido o espaço físico ter se tornado pequeno frente a crescente demanda de educandos, dessa forma a secretaria alugou um prédio maior. E a partir deste mesmo ano de 2002 a escola foi acampada pela SEDUC e passou efetivamente ser estadual, permanecendo o nome de seu patrono mais conhecido como Escola Estadual de Ensino Fundamental Cândido Evelin.

Atualmente é localizada na Estrada da Providência, Nº 59, Cidade Nova 8, no município de Ananindeua/ Pará. O prédio atual tem dois andares onde funciona as seguintes dependências: Diretoria, secretaria, sala de coordenação pedagógica, sala de professores a copa cozinha, depósito de merenda, depósito do Projeto Mais Educação, almoxarifado, banheiros feminino e masculino e de funcionários, oito salas de aula com capacidade média de 25 a 40 alunos por sala. Tendo atualmente 540 alunos matriculados nos três turnos de aula funcionando com as seguintes modalidades de ensino: 1º Turno/9 anos do ensino

Fundamental, 3º Turno: 2º ano/9 anos do E.F, 4º Turno: 2ª a 4ª etapa de educação de Jovens e Adultos (EJA) (PARÁ, 2019).

É importante frisar que a escola passou por inúmeras dificuldades desde o início de sua fundação. Em conversa com a diretora interina da escola, foi informado que no novo prédio houve o remanejamento de todo o material permanente da escola anterior, assim como funcionários de apoio administrativo, equipe técnico-pedagógica, professores, alunos e a vice-direção. Esta última permanece até os dias atuais. A diretora anterior permaneceu no cargo até o ano de 2019, quando solicitou dispensa da função. A escola encontra-se sem diretora oficialmente, com uma professora ocupando o cargo interinamente.

Figura 13 – Precárias condições estruturais da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”



Fonte: acervo pessoal

A escola, por estar localizada em uma área privilegiada do conjunto Cidade Nova VIII, é uma instituição que já foi bastante procurada pelos responsáveis dos alunos que pretendiam matricular seus filhos no ensino fundamental. Considerada uma escola de pequeno porte no bairro, apresenta dificuldades comuns a toda rede de ensino público estadual. Sobre a crítica a estrutura das escolas, Vitor Paro disserta que:

São inúmeras as questões que merecem atenção quando se trata do trabalho coletivo na escola. Três delas podem ser destacadas em virtude de sua abrangência e importância: a assistência pedagógica a ser fornecida aos educadores em seu próprio ambiente de trabalho, o oferecimento de adequadas condições objetivas de trabalho e a gestão do tempo dedicado às atividades escolares. (PARO, 2017. p.150).

As três questões apontadas por Vitor Paro ocorrem de maneira preocupante na escola. Com infraestrutura precária e espaço físico ao ponto da insalubridade. Há um pequeno espaço que corresponde ao refeitório e área para o recreio dos alunos, observa-se também, nas salas de aulas, que não existem janelas. Como ocupa uma esquina, sua estrutura utilizou toda a extensão do terreno, tendo a porta de entrada das salas e os balancins acima das paredes para a circulação de ar. Somado a isso, como não existe espaço para a realização das aulas de Educação Física na escola, os alunos são levados para a quadra da Praça do Complexo da Cidade Nova VIII. Soma-se a isto a constante a falta de água e a carência de pessoal de apoio. A escola necessita de recursos para realizar pequenos e grandes reparos, como a construção de uma biblioteca e instalação de uma pia e torneira na entrada da escola, para poder receber novamente os alunos dos três turnos após amenização do cenário pandêmico.

3.2.1 Primeiras aproximações com os alunos – 2019

A presente pesquisa teve início em dezembro de 2019, e pude contar com o apoio de uma professora da disciplina de Ensino Religioso, que tinha uma aula semanal em cada turma. Como estávamos no período de provas finais nas escolas públicas, encontrei a oportunidade de aproveitar um tempo cedido pela professora para aplicação de um documento, que chamei de “questionário diagnóstico”, composto por 10 questões que versavam a respeito do conhecimento prévio dos alunos referente a visitação a museus.

Figura 14 – Primeira aplicação do questionário diagnóstico



Antes da primeira aplicação de questionário, me identifiquei como estudante do Mestrado Profissional em Ensino de História da UFPA, campus Ananindeua e comuniquei aos alunos que adotei a escola como espaço de pesquisa e eles, os alunos, como sujeitos historicamente pesquisados e que a partir daquele momento seriam estudados por mim como parte integrante de minha pesquisa de dissertação. Eles prontamente se demonstraram interessados e motivados.

Naquele ano, pude realizar a aplicação do questionário em duas turmas do 9º ano, e fiz um balanço das perguntas, com as respostas das mais variadas possíveis, identificando a presença de estudantes que nunca tinham ido a um museu e atenção para o fato de que eles não tinham conhecimento de que existe um museu em Ananindeua. Muitas respostas sempre referenciavam espaços de visitação e museu localizados na capital Belém.

Porém, o objetivo da pesquisa era chamar atenção para a questão de número oito, a qual dizia: “Na sua opinião a presença de um parque, uma praça ou um museu tem algum efeito ou relação com o meio ambiente? Dê sua opinião”.

Um total de 18 alunos se submeteu à realização do questionário, um total de duas turmas do 9º ano. A primeira turma respondeu à oitava pergunta do questionário da seguinte forma:

Aluno 1: Nos motiva a cuidar do planeta.

Aluno 2: Sim.

Aluno 3: Talvez sim, porque as pessoas desmatam para poder construir locais assim.

Aluno 4: Sim, é a forma que valoriza nossa cultura dependendo onde vivemos.

Aluno 5: Sim, além de nos informar o passado, nos ajuda no presente com ensinamentos.

Aluno 6: Sim, pois todos aprenderiam a respeitar a natureza.

Aluno 7: É muito importante para todos nós.

Aluno 8: Sim. (Alunos da turma 9A da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”, 2019 – comunicação pessoal).

As respostas referentes à segunda turma foram as seguintes:

Aluno 9: Sim.

Aluno 10: Sim, pois nesses lugares também aprende a preservar o Meio Ambiente.

Aluno 11: Sim, não sei explicar.

Aluno 12: Sim, porque na maioria das vezes nos ajuda a cuidar da cidade e do Meio Ambiente.

Aluno 13: Sim. Não só, mas também conservar.

Aluno 14: Sim, pois preserva a natureza e conta a nossa história. Aluno 7: Não.

Aluno 15: Com certeza.

Aluno 16: Sim, porque aí ia ajudar muito, todos e todas ajudariam.

Aluno 17: Acho que não.

Aluno 18: Não soube responder. (Alunos da turma 9B da E. E. E. F. “Candido Horácio Evelin”, 2019 – comunicação pessoal).

Antes de realizar um balanço entre as duas turmas, é interessante ressaltar que referenciei a todos que responderam ao questionário identificando-os como “Aluno”, a fim de preservar a identidade daqueles que são menores de idade.

Quanto à pergunta oito, cinco dos 18 participantes dessa fase inicial da pesquisa, além de concordarem com a pergunta, justificaram suas respostas relacionando-as com a preservação do Meio Ambiente. O aluno 5 da primeira turma merece destaque, pois respondeu: “sim, além de nos informar sobre o passado nos ajuda no presente com ensinamentos”. No contexto da segunda turma, o destaque vai para o aluno 12, o qual respondeu da seguinte forma: “Sim, porque na maioria das vezes ele nos ajuda a cuidar da cidade e do Meio Ambiente”. Percebemos interpretações que partem do meio ambiente, fato positivo para iniciar o debate por mim proposto. De forma geral, foi possível verificar que dezesseis pesquisados concordam com a pergunta da questão de número oito, respondendo afirmativamente. Essa análise inicial é um parâmetro para saber como lidar com os próximos passos da pesquisa tanto em sala de aula como na aula-passeio que pretendia realizada com os estudantes.

De acordo com o planejamento traçado, seria necessário fazer uma preparação dos alunos com dinâmica em sala de aula, por meio de aulas expositivas como estratégias didáticas e dinâmicas que possibilitassem a contextualização nas aulas de História e, se possível, na disciplina de Estudos Amazônicos, ao relacionar a temática ambiental e o ensino de História no contexto da Segunda Guerra Mundial, que demandou a emergência de produtos derivados do Látex, tendo a região amazônica sustentado a economia interna e externa. A proposição seria trazer ao debate o período da borracha na Amazônia, conteúdo ministrado com mais profundidade na cadeira de Estudos Amazônicos. Deste modo, esteve prevista, desde o início, a participação do professor desta disciplina com o intuito de contextualizar essa área de conhecimento com o componente curricular História.

3.2.2 Segundo contato com os alunos – 2021

Nesse momento da pesquisa foi imprescindível contar com o apoio da professora de Ciências Físicas e Biológicas para poder realizar novamente a aplicação do questionário com os alunos de sua turma do 9º ano, já no ano de 2021. Planejamos realizar com eles a aula-passeio no Museu Parque Seringal, tarefa que não foi possível com a turma de investigada em

2019. Inicialmente, agora em novo contexto, optamos por um professor da área de ciências, dada a intenção de melhorar o entendimento do contexto da pesquisa em Ensino de História, que poderia também dialogar com o Ensino de Ciências no momento da realização da aula-passeio. Em adição, a professora da referida disciplina dispunha de dois horários corridos, o que ampliava as possibilidades de abordagem do conteúdo.

À época, os professores da rede estadual de ensino decidiram, em assembleia, entrar em greve sanitária de livre adesão, ação motivada pelo decreto do Governo do Estado do Pará que previa a retomada das aulas presenciais. Ficaria a cargo dos responsáveis permitir ou não a ida dos alunos às aulas presenciais, considerando que as aulas remotas continuariam. É importante salientar que, nesse contexto de incertezas, seria de suma importância a presença dos alunos em sala de aula para o andamento da pesquisa.

Em agosto de 2021, seguindo todos os protocolos de prevenção possíveis para a realidade da escola e dos alunos, foi aplicado o questionário diagnóstico na turma do 9º ano da manhã. Como as aulas estavam em regime de escala, apenas 30% dos alunos se revezavam, cada grupo ia durante uma semana para as aulas semipresenciais durante o mês, sendo que esses alunos não eram obrigados a ir à escola. Isso resultava em trabalho em dobro para os professores da rede, uma vez que as aulas deveriam ser planejadas para ambos os ambientes: presencial e remoto. A professora da disciplina de CFB aderiu à greve sanitária, mas concordou em ceder seu horário para a realização desta etapa da pesquisa.

Figura 15 – Segunda aplicação do questionário diagnóstico



Fonte: acervo pessoal

O questionário aplicado neste contexto foi idêntico ao aplicado junto à turma de 2019. Nesse momento, as medidas de prevenção sanitárias, como a utilização de máscaras faciais e

o distanciamento social já vigoravam. Contexto completamente diferente da primeira experiência de aplicação do questionário em 2019. Na semana seguinte, ocorreu a oportunidade de fazer a aplicação para outros alunos, com a mesma porcentagem permitida aos discentes presencialmente.

3.3 Diálogos entre a leitura do meio ambiente no Parque Seringal e a aula de História: um aula passeio

Apoiado no Documento Curricular do Estado do Pará para a Educação Infantil e Ensino Fundamental e de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foi elaborado um plano de aula alinhado à disciplina de História. As habilidades a serem desenvolvidas expostas no plano de aula foram selecionadas como ponto de partida para dar suporte aos objetivos do conhecimento: (EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954; (EF09EA12PA) Analisar o processo de apropriação da natureza decorrente da produção econômica de cada região e as repercussões sócio espaciais causadas pelo modelo de desenvolvimento imposto; (EF09HI10) Identificar e relacionar as dinâmicas do capitalismo e suas crises, os grandes conflitos mundiais e os conflitos vivenciados na Europa.

É necessário entender que os conteúdos conceituais foram trabalhados de maneira contextualizada. A primeira habilidade proposta foi trabalhada a partir da identificação da história local e regional, analisando o processo de apropriação da natureza decorrente da produção econômica de cada região e as repercussões socioespaciais causadas pelo modelo de desenvolvimento imposto. A segunda habilidade pode ser trabalhada em sua integralidade. Vale ressaltar, contudo, que essa habilidade corresponde à disciplina de Estudos Amazônicos, justificando-se sua utilização por esta corroborar com o aprendizado acerca do processo de apropriação da natureza e da identificação de particularidades da história local ao abordar o período da Borracha na Amazônia. Do mesmo modo, é previsto que no trabalho referente a esta habilidade, se dinamize a contextualização quando se trata dos grandes conflitos mundiais, como o período entre guerras, quando a demanda mundial pelo látex se destacou na região Amazônica.

No 9º ano, aborda-se a história republicana do Brasil até os tempos atuais, incluindo as mudanças ocorridas após a Constituição de 1988, e o protagonismo de diferentes grupos e sujeitos históricos. O estudo dos conflitos mundiais e nacionais, da Primeira e da Segunda Guerra. (BRASIL, 2018, p. 418).

Descrever essa conjuntura foi essencial para atingir os objetivos do conhecimento a serem alcançados. “Propõe-se, assim, o desenvolvimento de habilidades com um maior número de variáveis, tais como contextualização, comparação, interpretação e proposição de soluções” (BRASIL, 2018, p.417).

O item 1.4 dos objetivos do conhecimento do plano de aula, está também alinhado ao conteúdo da disciplina de Estudos Amazônicos, o qual dispõe: Compreender a importância das Unidades de Conservação e sua implantação na Amazônia, considerando a relação entre preservar e degradar o domínio amazônico a população local, regional e global. Também se estabelece uma conexão entre os demais itens dos objetivos do conhecimento da disciplina História, proposto pelo referido plano de aula. Foi necessário fazer essa interligação entre os componentes curriculares História e Estudos Amazônicos, pois, se a primeira trata de um contexto global, a segunda enriquece e potencializa o aprendizado ao contribuir com o contexto local.

Nesse sentido, cabe ao historiador fomentar e não perder de vista, no labor do ensino, o incentivo à pesquisa em vez de apresentar possíveis — verdades cristalizadas; deve, portanto, colocar o discente sempre em diálogo contínuo com o tempo presente e o passado circunscrevendo o processo de ensino e aprendizagem imerso na sua própria realidade, além de promover as devidas conexões com o regional e o global. (SEDUC, 2016, p. 238)

As habilidades e objetivos do conhecimento puderam ser articulados no plano de aula proposto, de acordo com os pressupostos da BNCC e do Documento Curricular estadual. O único requisito proposto metodologicamente no plano de aula que não pôde ser feito foi a preparação de aula expositiva dos alunos em sala de aula. A situação de pandemia não permitia aglomeração no espaço escolar, o que impediu a preparação da classe antes da aula passeio. Entretanto, como estávamos no terceiro bimestre, o conteúdo abordado pode ser feito anteriormente pelos professores no decorrer do ano letivo de 2021 de maneira remota, por meio de cadernos bimestrais e vídeo aulas, cujo material não se pôde ter acesso, mas que, de acordo com o planejamento rede estadual, são temas obrigatórios no 9º ano.

A contextualização pretendida no planejamento foi realizada no dia da aula passeio. Com referência à quantidade de alunos atendidos, houve uma óbvia disparidade: apenas 15 dos 34 alunos puderam participar da aula passeio, desenvolver o trabalho de pesquisa e colaborar com a confecção do produto educacional associado a esta dissertação. Estes entraves atingiram todos os trabalhos acadêmicos realizados no período mais grave da pandemia e foram contornados da forma mais segura possível, ainda que tenha sido necessário diminuir o quórum de alunos alcançados pela intervenção.

Figura 16 – Aula passeio no Museu Parque Seringal



Fonte: acervo pessoal

A realização da aula passeio, bem como as etapas ocorridas antes e após este momento, permitem reforçar o fato de que a viabilidade de trabalhos interdisciplinares não conduz à exclusão de conteúdos tradicionais da disciplina de História, mas exige uma abordagem que possa integrar o conhecimento sobre o meio ambiente com as demais áreas de estudo (BITTENCOURT, 2003). Como exemplo, podemos citar a exposição no espaço do memorial, que reproduz o conteúdo numa linguagem característica do ensino tradicional no contexto do período da borracha na Amazônia. O ensino de História, ao interagir com a natureza, possibilita uma abordagem interdisciplinar, dialogando não só com a geografia ou com a biologia, mas sugerindo um outro olhar sobre a própria História.

Sobre o meio ambiente e o ensino de História, Circe Bittencourt (2003) propõe:

Uma prática interdisciplinar, tendo como uma das suas preocupações básicas contextualizar os problemas ambientais próximos do vivido dos alunos, situando-os em espaços e tempos mais amplos, pode esclarecer a importância de se estabelecer relações entre o mais próximo e local com o mais distante e o geral. (BITTENCOURT, 2003, p. 54)

Diante da prática interdisciplinar anteriormente citada e nesse momento relatado pela autora, que se propõe a contextualizar os problemas ambientais e situar o tema próximo aos

espaços vividos pelos alunos, sugerimos a possibilidade de estabelecer essa mesma relação de proximidade referente à localização da Escola “Candido Horácio Evelin” e o Museu Parque Seringal. Cabe ressaltar que grande parte dos alunos de várias escolas transitam pelas duas áreas verdes públicas mais próximas, como a Praça do Complexo e o próprio Seringal. Nesse sentido, podemos afirmar que essas áreas estão incorporadas à vivência desses alunos.

Figura 17 – Explicação sobre a extração da seiva da seringueira



Fonte: acervo pessoal

É importante exercitar o aluno nesse processo de percepção do lugar social de quem fala e, no confronto dessas posições, iniciá-lo ao processo de “leitura do mundo”, seja por meio da palavra escrita, ou por artefatos, imagens, num movimento de “aprender a ver”, trabalhando com diferentes linguagens (CIAMPI, 2005). A leitura de mundo considera a experiência do aluno em seu dia a dia, podemos pensar inclusive na perspectiva de trabalho do professor com o aluno, ressaltando que mediar é também apontar o caminho para leitura de mundo do entorno dos lugares que os alunos frequentam.

Nos chama a atenção durante a aula passeio, o momento em que os alunos aprendiam, a partir de uma demonstração, sobre como não deve ser feito o corte numa árvore de seringueira para a coleta do látex. Além de falar sobre como antes os trabalhadores seringueiros extraíam o produto dentro da mata, foi relatado que a seiva da árvore é como o sangue humano e que se o corte for feito erradamente, ocorre a erupção de uma espécie de nódulos em seus tronco, o que inutiliza o espécime para extração da seiva.

Emanuele Coccia, nesse sentido, disserta:

As plantas não param de se desenvolver e crescer, mas, sobretudo, não param de construir novos órgãos e novas partes de seu próprio corpo (folhas, flores, parte do tronco, etc.) de que foram privadas ou de que elas próprias se livraram. Seus corpos são uma indústria morfogenética ininterrupta. A vida vegetativa é o alambique cósmico da metamorfose universal, a potência que permite a toda forma nascer (se constituir a partir de indivíduos que têm uma forma diferente), (...) A planta é um transdutor que transforma o fato biológico do ser vivo em problema estético e faz desses problemas uma questão de vida e de morte. (COCCIA,2017, p. 19).

Como ocorre nas considerações de Emanuele Coccia, “as plantas não param de construir novos órgãos e novas partes de seu próprio corpo (folhas, flores, parte do tronco, etc.) de que foram privadas ou de que elas próprias se livraram”, o corpo da planta reage, assim como o copo humano poderia reagir a um vírus ou corpo estranho, estabelecendo aí uma compreensão da natureza humana e não humana.

Adotar a temática ambiental no ensino de História perpassa por uma leitura de mundo, da vida de diferentes espécies que interagem diante da natureza. Considerando especificamente a leitura que o aluno da Escola “Candido Horácio” tem em relação ao espaço do Museu Parque Seringal que é próximo da escola e da residência de muitos alunos.

De acordo com Flavia Caimi (2015):

No que diz respeito às pesquisas e estudos relacionados à aprendizagem da história escolar, verifica-se que só muito recentemente, especialmente na última década, os pesquisadores passaram a entrar na sala de aula com a preocupação de desvendar a caixa preta que suporta as interações professor-aluno e com o interesse pelos modos como se dá a construção das noções e o desenvolvimento das ideias históricas de crianças e jovens que frequentam a escola. (CAIMI, 2015, sp).

A autora nos faz perceber, entre outros debates, que os processos de elaboração histórica estão contextualizados na vivência dos alunos. Se sabemos que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”, o desafio de fazer a conexão entre a escola e o Seringal revela-se no sentido de possibilitar um outro olhar sobre o ensino, mais especificamente o ensino de História. Ou seja, há possibilidades educacionais a serem exploradas e

experienciadas pelos alunos não só da instituição em tela no presente estudo, nem tampouco apenas no Parque. Essa experiência educacional é uma forma de interferir no mundo, na realidade dos alunos e na maneira de ensinar e de aprender, estabelecendo um relacionamento direto com o presente. Isabel Barca (2006) pontua:

A orientação temporal de cada um de nós exige identificações múltiplas, a várias escalas (do local ao global): competências avançadas para saber “ler” o mundo que nos rodeia e também perspectivar de alguma forma o futuro, à luz de experiências humanas no passado (BARCA, 2006, p. 95).

O lugar social do ensino de História é a escola, o entorno é o tempo presente permitindo olhar o passado e valorizar o presente. As novas conexões sobre história e meio ambiente propostas tiveram em vista o que propõe Barca (2006). As orientações temporais apresentadas aos alunos, possibilitaram “identificações múltiplas, a várias escalas (do local ao global)” daí emergiram competências para pensar o ensino como ação transformadora do aluno.

4 VISITA GUIADA AO MUSEU PARQUE SERINGAL

A garantia de continuidade e permanência do processo educativo e a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais fazem referências a dois incisos parte do Art. 4º que correspondem aos princípios básicos da educação ambiental da Lei No 9.795, de 27 de abril de 1999. Essa lei dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

É o que se pretende garantir com as dinâmicas realizadas durante a aula passeio no Museu Parque Seringal, um momento de socialização e plantação de mudas de seringueira pelos alunos do 9º ano, em comemoração ao dia da árvore, 21 de setembro. Esta data é bastante significativa e corrobora com os objetivos desta pesquisa e da lei nº 9.795, e põe em prática o pluralismo de ideias, referente à compreensão da interdisciplinaridade da História, ao examinar os aspectos e a importância da natureza para o processo de ensino e aprendizagem, considerando concepções pedagógicas como a aula passeio, na perspectiva de proporcionar a esses alunos novas leituras como sujeitos histórico ativos que colaboram com a preservação do meio ambiente.

Figura 18 – Plantação de mudas durante a aula passeio



Fonte: acervo pessoal

Ao fazer relação com essa experiência e dialogando com as propostas educacionais de Freire (1997), podemos inferir que:

Saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes (...), por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina (FREIRE, 1997, p. 17).

É oportuno considerar que a aula passeio e a experiência com a plantação de mudas são saberes socialmente construídos na prática escolar, da comunidade e vivenciada por esses alunos. Paulo Freire, mais de trinta anos antes de escrever sua obra, já alertava para a contextualização dos saberes a partir da realidade da comunidade e nos alertava para a vivência dos alunos partindo de sua realidade prática o ensino dos conteúdos. No caso, com a temática Ensino de História e Natureza é pertinente observar a relação do trecho referenciado ao que já foi um dia o a área que hoje é o Museu Parque Seringal: descarte de lixo e entulho doméstico, retomando o depoimento do senhor J. L., antigo morador dos entornos do parque.

De acordo com Mourão (2017).

Na educação formal os espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (MOURÃO, 2017, p. 12).

A proposta da aula passeio é bem retratada pela escrita desta autora. Espaços não formais de ensino, como o Museu Parque Seringal. são locais onde se dão processos interativos e intencionais que dificilmente poderiam ser realizados no ambiente escolar. Fica ressaltado aqui o quanto os espaços não formais de educação devem ser mais utilizados pelos professores e por toda a comunidade.

Na perspectiva de considerar a construção do conhecimento histórico do aluno partindo das experiências vividas em visitas a museus, Yael Bamberger (2008) relata que o aprendizado é sempre um processo altamente pessoal, que depende fortemente de conhecimentos e de experiências prévios, pois ocorre dentro de um contexto físico e cultural situado. A autora, partindo de suas experiências, diz que aprender no museu envolve múltiplas fontes de experiência e informação, que contribuem coletivamente para a construção do conhecimento do indivíduo.

A proposta freireana de compartilhar e “discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina” (FREIRE, 1997) nos chama atenção para a prática do Ensino de História relacionada também com a emergência dos debates em torno das questões climáticas, intrínsecos à natureza. É notório que no estudo de história e natureza, é indissociável a dinâmica de aprendizagem por meio de centros de conservação ambiental. Este cenário nos possibilita perceber o quanto de atividades se disponibiliza aos estudantes dos locais onde trabalhamos e ver o quanto essas paisagens permitem-nos conduzir reflexões e desenvolver uma compreensão histórica, que, muitas vezes, apenas o documento de papel – ou seja, a história oficial – não dá conta.

Nesse viés, Peter Singer (1993) relata que a postura ética não deve se dar somente entre humanos para humanos, pois não existe lógica em dissociar da ética ambiental devido ao fato de que da igualdade e do utilitarismo se dão a partir do momento em que levantamos a causa da proteção da fauna e flora. Portanto, sob essa reflexão fica explícito que a garantia da educação e conscientização ambientais se concretizam com projetos como esse, por ser posta em prática a viabilidade de se mostrar a importância da natureza para o globo e o impacto gerado por uma pequena atitude, como o plantio de árvores. A relação que se faz entre história e natureza não é mais um problema futuro, é uma problemática a ser debatida agora, dada a política sistemática de devastação da Amazônia, que ameaça ainda mais toda a sua (nossa) biodiversidade.

4.1 Construção coletiva do produto educacional

Ao fazer uma descrição do roteiro para uma visita guiada, criação e elaboração de *folder*, contamos com a referência de autores como Almeida (2015) e Tania (2016), mas também do site oficial do Real Jardim Botânico de Madrid. O ensino a partir do uso de diferentes metodologias é sempre um desafio, considerando que a “mobilização de saberes implica uma síntese criativa, na qual saberes da formação se mesclam com saberes a ensinar, recontextualizados pela dimensão educativa, processo este que envolve o antes, o durante e o depois da ação” (MONTEIRO, 2007, p. 24).

Levando em consideração a realidade das escolas no ensino fundamental no o Pará e no Brasil, propor dinâmicas e metodologias participativas é especialmente desafiador para professores, sobretudo por questões referentes ao trabalho docente (mal e não remunerado) e por condições infraestruturais das escolas.

Com tamanha limitação para proporcionar ao aluno um ensino de qualidade, também considerando o cenário pandêmico que o distanciou das escolas, tudo tornou-se essencialmente mais difícil. Professores tiveram que se adaptar à linguagem digital às pressas e sem treinamento, para tentar chegar ao aluno por meio de aulas remotas a fim de que eles não ficassem desamparados e não perdessem quase dois anos de atividades escolares. O trabalho dos professores da rede estadual se multiplicou, sobretudo porque os docentes, além das aulas online, também tiveram que preparar materiais impressos às pressas, para que os responsáveis pudessem ir pegar nas escolas. Nenhuma dessas estratégias, porém, supre a presença do professor em classe.

Com o distanciamento social/presencial nas escolas, a utilização de fontes para o Ensino de História se tornou mais precária ainda. Se antes já existia uma escassez para a utilização de mapas, filmes, vídeos, documentos, cartas, visita a espaços públicos como museus etc., no período mais crítico da pandemia, tudo isso se tornou praticamente impossível.

Passado o período mais crítico da pandemia de COVID-19, foi possível conduzir a elaboração do *folder*. O uso desse produto como ferramenta de ensino e aprendizagem é uma alternativa para que desperte o interesse dos alunos pela disciplina e em fontes encontradas em seu cotidiano.

[...] os educadores assumam esse compromisso e criem possibilidades de trabalhos teóricos e de campo para auxiliar a comunidade no processo de interlocução com a memória, com os lugares de memória, com a história local. É preciso despertar as populações para a percepção e valorização de lugares, de saberes, de celebrações, por meio de apreensões visuais dos bens da comunidade. PINHEIRO (2010, p.154)

Nesse sentido, volta-se a afirmar a importância da visita às áreas pertencentes à comunidade que auxiliem na interlocução com os lugares de memória e com a história local para que se contextualize o conhecimento histórico para além da sala de aula. Como contributo visual relacionando a história ensinada, partindo do meio ambiente local do Museu Parque Seringal, sobretudo, através de fotografias realizadas pelos alunos no local, seus questionamentos e sugestões foram levados em consideração para a produção de conteúdo da disciplina História e na proposição do *folder*.

Até se chegar à possibilidade do uso do guia, a construção e produção do *folder* teve que ser feita exclusivamente via redes sociais, logo após a visita ao Seringal.

Antes e durante a visita ao Parque, a organização e divisão dos grupos de alunos do 9º ano deu-se da seguinte maneira: o grupo 1 ficou com a tarefa de pesquisar: por que o espaço é

denominado um Museu Parque?; o grupo 2 deveria pesquisar sobre as plantas e fazer uma pequena descrição sobre a diversidade vegetal existente no Seringal; ao grupo 3 coube redigir pequeno Histórico de outros exemplares de árvores do Seringal; o grupo 4 deveria escrever sobre o Memorial; o grupo 5 precisou construir um pequeno histórico das árvores de seringueiras; e o grupo 6 dissertaria sobre a experiência das plantações de mudas de árvores pela turma.

Para facilitar a comunicação com as equipes foi essencial a autorização da professora de Ciências para criar um grupo de mensagens instantâneas com os alunos por meio do aplicativo *Whatsapp*, a fim de dar continuidade à produção da pesquisa e prosseguir com a participação voluntária dos alunos que puderam ir à aula passeio.

Dois alunos dedicavam-se a fazer anotações rápidas durante a aula passeio. Eles redigiam as informações dadas tanto pela guia quanto por mim, que contextualizava os aprendizados na visita chamando para a atualidade o contexto da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de exportações do látex em escala mundial, provocando os alunos sobre a necessidade das sociedades humanas em explorar a natureza e extrair seus recursos naturais em nome do consumo, sem se preocupar com a degradação, o uso e exploração insustentável de trabalhadores e da natureza, para garantir o equilíbrio econômico de guerra.

Após a aula passeio, nossa comunicação ficou restrita à rede social. O grupo de mensagens foi intitulado “Grupo Seringal”. Dos 15 alunos que participaram da aula passeio, nem todos tiveram o interesse em colaborar com a produção do *folder*. No entanto, essa falta de participação já era esperada, considerando que durante as aulas presenciais antes do contexto de pandemia, os professores relataram dificuldades em receber trabalhos no prazo combinado e essa dificuldade perdurou – e até se agravou – no ensino remoto.

Algumas equipes entregaram suas pesquisas via grupo de *WhatsApp*, e estas fizeram parte do conteúdo do *folder*. É importante atentar para a preservação da identidade dos alunos que fizeram parte das equipes.

Semanas depois, ainda via grupo de mensagens, os alunos enviaram suas respectivas pesquisas e enfim o produto educacional pode ter sua elaboração iniciada, a partir das imagens e considerações feitas por eles. Em adição, uma pergunta norteadora foi feita aos educandos: “Como foi, para você, a experiência da aula passeio no Museu Parque Seringal, que contextualizou a História da Amazônia, partindo da observação da natureza?”

Diante das dificuldades encontradas para a entrega das pesquisas de outras equipes, um último encontro presencial foi marcado em sala de aula, ocasião em que foi possível reunir as pesquisas dos grupos e montar uma versão preliminar do *folder* de visitação.

Figura 19 – Construção coletiva do *folder* sobre o Museu Parque Seringal



Fonte: acervo pessoal

Pela programação inicial, os estudantes divididos em grupos iriam participar de maneira ativa ao coletar as imagens que mais lhes chamaram atenção na visita, juntamente com a escrita de suas observações, e esta etapa foi finalizada com sucesso. Porém, logo após a realização da visita, ocorreram dificuldades em reunir novamente os alunos da turma, pois estes encontraram dificuldades de acesso à internet para o envio de suas produções. Este último encontro presencial foi fundamental para que os estudantes pudessem compartilhar suas fotografias e suas impressões a respeito da aula passeio, dando continuidade as atividades e conduzindo a elaboração do produto proposto.

4.2 A resposta dos alunos

Conforme mencionado, dadas as dificuldades na coleta de respostas via grupo de *Whatsapp*, um último encontro em sala de aula ocorreu após análise das condições sanitárias e organização interna da escola. Este cenário possibilitou uma diversidade de respostas, tendo um aluno relatado suas impressões por meio de mensagens de voz, outros por mensagem de texto e os que estiveram presentes nesse último encontro, responderam por meio de registro escrito no caderno. Interessante a observação da escrita das respostas em folhas de papel, pois é importante considerar a forma de comunicação mais acessível e em respeito ao modo como queiram se comunicar.

Foi importante pra mim conhecer mais da história das seringueiras e das mais diversas plantas, um local de paz e ar puro, os cantos dos pássaros me transmitiram sossego. Pude entrar no memorial e saber sobre os homens que

plantavam seringueiras e que alguém morreu lutando por elas (aluno não identificado – comunicação pessoal).

Foi muito bom porque conhecemos um pouco sobre as árvores, a origem delas, espécies de cada uma, como preservar e como utilizar (sic) as riquezas de cada uma dela, foi uma passeio muito proveitoso pois temos que valorizar para poder ter uma vida saudável, até porque é através da árvore que respiramos. Foi um prazer participar desse passeio (aluno não identificado – comunicação pessoal).

Foi importante, pois aprendi que a seringueira teve muitas influências ao decorrer desses anos, ela foi útil para criação de produtos e houve também muitas modificações na natureza por conta do homem na intenção de obter criação da seringueira. E ocorreu muita coisa nesses anos ao aumentar, expandir as seringueiras, aprendi bastante ao visitar o parque nas épocas, cidades por onde elas foram se expandindo, e para o que elas foram úteis. Toda sua história é interessante saber para entender como tudo aconteceu (aluno não identificado – comunicação pessoal).

Foi importante, muitas pessoas não dão muita importância para o meio ambiente, e comentar e incentivar (sic) os alunos desde cedo a plantar, a cuidar disso, irá ajudar muito no futuro próximo. Foi importante também porque conhecemos melhor plantas que a maioria não conhecia (aluno não identificado – comunicação pessoal).

Para mim, foi muito bom aprender muita coisa sobre a importância da seringueira e como ela ainda é usada até agora. Foi uma atividade ótima para todos e com certeza todo mundo aprendeu alguma coisa (aluno não identificado – comunicação pessoal).

No grupo do *WhatsApp*, também obtivemos algumas impressões dos alunos sobre as atividades que eles participaram:

A experiência da plantação foi muito interessante, pois ajuda nós jovens a nos conscientizar e melhorar na sustentabilidade ambiental com esse recurso natural. Ter a prática de cultivar é muito importante para os seres vivos e humanos, por esse motivo que nossa turma está muito grata com essa experiência (aluno não identificado – comunicação pessoal).

Bom, foi legal! O importante que a gente conheceu sobre as árvores, sobre a preservação do meio ambiente e tem algumas pessoas que trabalham para proteger as árvores, sendo que a maioria das pessoas estão destruindo hoje em dia para construir...estão queimando as árvores. Aí o pessoal estão se importando com a natureza, pelo menos estão salvando elas (sic) aos poucos, foi muito boa a aula no Seringal (aluno não identificado – comunicação pessoal).

O educador Paulo Freire já nos alertava para a reflexão partindo da observação da natureza. Aproveitar a experiência dos alunos que vivem em áreas verdes da cidade pode ser de extrema importância para o ensino e aprendizagem na disciplina História.

A produção destes sentidos deve acontecer dentro das necessidades contemporâneas, que frisam outras propostas educativas como caminho possível para romper com processos de ensino – aprendizagem que não priorizam ou conscientizam os sujeitos em formação. (BOTELHO e SANTOS, 2020, p. 68.)

O diálogo que contextualizou a presença da natureza ao aprendizado para as aulas de história provocou nos alunos o que os Botêlho e Santos chamam de “produção de sentidos”, que, como pudemos verificar com a turma, ainda não tinham sido vivenciados em uma aula de História.

Donald Worster nos sinaliza o quanto é importante, para a história ambiental, “pisar na lama, no chão, na terra” e sair dos gabinetes, uma tradição do século XIX, considerada como única fonte histórica. Conseguir sair dos gabinetes é perceber as complexidades e das realidades dessas interações entre grupos humanos e o restante da natureza. Desse modo, é bastante significativa essa dinâmica de aprendizado experienciadas pelos discentes, sobretudo, “como um caminho possível para romper com processos de ensino – aprendizagem que não prioriza ou conscientizam os sujeitos em formação” (BOTÊLHO e SANTOS, 2020, p. 69). Essa experiência de ensino na aula passeio possibilitou novos olhares e novas perspectivas ao saber que a natureza está no campo do saber histórico, e isso definitivamente colaborou para a construção do produto final.

4.3 Folder de visitação: usos e possibilidades

Como o tempo de produção desta pesquisa de dissertação demandou uma certa agilidade para a realização dos objetivos propostos, o antes e o após decreto do governo estadual do Pará para o início escalonado da presença dos estudantes em sala de aula demandou a possibilidade de visitação ao museu e conseqüente produção do *folder*. É importante frisar que tivemos menos de dois meses para pôr em prática essas dinâmicas, tanto na Escola “Candido Horácio Evelin”, quanto no espaço do museu Parque Seringal.

As condições planejadas para a confecção do *folder* foram acordadas em classe, antes da turma ir a campo, caminhando até o espaço do Museu Parque Seringal para darmos início a aula passeio. Como exposto anteriormente, a primeira etapa do processo de produção foi a divisão dos alunos em equipes para facilitar a leitura que estavam imbuídos de pesquisar. Essa forma de dividir os grupos antecipadamente foi necessária porque não tivemos muito tempo de conversa e planejamento em sala de aula.

Partindo da pesquisa de cada equipe, foi possível traçar um roteiro a partir dos trabalhos de pesquisa entregues pelos alunos, em que foram definidas as partes mais importantes a serem citadas no *folder* de visitação do Parque. O roteiro proposto por mim e pelos educandos faz uma pequena apresentação do Museu Parque Seringal, com a imagem do portão de entrada pela Tv. We 36 e faz um pequeno comentário relatando que no espaço está

localizado o primeiro museu de Ananindeua, especificando que é também uma Unidade de Conservação do tipo ARIE. Logo após essa informação, a importância dada foi para as plantas que podem ser observadas no caminho central de entrada do parque e que em linha reta alcança outra entrada do espaço pela rua We 34. O produto apresenta fotografias de plantas ornamentais e tipos de bromélias que podem ser encontradas no Parque, bem como uma espécie de taioba, planta comestível aparentada da couve, mas sem valor comercial. No folheto, também é demonstrado um exemplar da seringueira, cuja imponência e grandiosidade nos intimida, ao considerar sua importância para a História da Amazônia, do Brasil e do mundo.

O *folder* destaca como parada obrigatória a observação da jovem árvore de Anani plantada próximo ao chalé da administração, e pontua que esta planta deu origem o nome da cidade de Ananindeua. Logo a seguir, o produto apresenta o memorial, com uma breve exposição do interior do Museu, seguido de um breve contexto sobre as relações sociais estabelecidas durante o período da borracha na Amazônia.

É importante frisar que desde o início desta pesquisa, muitas mudanças ocorreram nas dependências do Museu Parque Seringal, principalmente no que diz respeito a visitação e eventos, consideravelmente afetados pelo cenário pandêmico, cuja superação aos poucos se descortina. O *folder* de visitação será especialmente importante nesse momento de retomada.

Este produto deu ênfase à riqueza natural do Seringal e se configura como uma proposta de visitação tanto para outras escolas da região quanto para pesquisadores que queiram conhecer a versão desta rota e transeuntes em geral, aproveitando o potencial didático que pode ser utilizado em diferentes disciplinas como a História, Ciências, Estudos Amazônicos entre outras, e que valoriza o ponto de vista dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O decorrer da escrita deste trabalho de pesquisa foi amadurecendo um longo processo de aprendizado e retorno à pesquisa, no qual foi possível demonstrar que é possível pensar no ensino e aprendizagem da História a partir do entorno do ambiente escolar. Problematizar o que está próximo à escola é uma alternativa para a construção de novos sentidos e percepções dos discentes. O Museu Parque Seringal proporciona uma alternativa para se fazer profundas reflexões que ultrapassam os objetivos de sua fundação.

A primeira atividade por meio de questionário aplicado em classe foi fundamental para se fazer um diagnóstico de como aqueles alunos se relacionavam com o espaço do Seringal. Como os alunos, muitas outras pessoas moram ao lado ou muito próximo a equipamentos culturais, mas não os conhecem como espaços de memória, alguns sequer os visitaram.

O Seringal foi ressignificado pelos alunos como um lugar que resguarda a memória histórica e ambiental de Ananindeua e da própria Amazônia, passando a ser visto por estes sujeitos de maneira diferente da concepção que muitos tinham antes das atividades propostas, como por exemplo ser aquele espaço, apenas um caminho para se chegar à escola ou simplesmente se passava ao lado, sem problematizar todas as questões tanto do ponto de vista da história quanto do meio ambiente que faz parte daquele espaço.

O Museu Parque Seringal pode ser trabalhado no Ensino de História partindo também da perspectiva da sua riqueza natural, em que se resguarda saberes e versões oficiais que podem ser reconstruídas e problematizadas de maneira individual e coletiva pelos alunos. Esse espaço apresenta uma versão do ponto de vista da História oficial do período da borracha, presente até os dias atuais nos livros didáticos. A visão de história partindo do ponto de vista ambiental, que proporcionou aos alunos a compreensão de que a história não acontece apenas sob a concepção das elites que enriqueciam com a economia da borracha. É possível compreender que muitas vozes foram silenciadas nas matas dentro dos seringais e que a partir das dinâmicas mais participativas, como a aula passeio e a construção coletiva do *folder* de visitaçãotornou-se possível entrar em contato com uma outra versão da História oficial. É possível construir saberes dos quais os próprios educandos são protagonistas, sujeitos que também colaboram com a construção de versões diferentes das produzidas apenas pelas elites detentoras do poder econômico em nossa sociedade.

Esta experiência é importante por extravasar o espaço da sala de aula, sobretudo, ao que diz respeito a aula de História inclusiva. A aula pode ser feita em um parque, pode ser

feita no seringal, num espaço aberto e trazer reflexões incríveis sobre os mais diversos assuntos: Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento do capitalismo, industrialização, um sem fim de temáticas a partir de uma única árvore, a seringueira.

Durante a aula passeio, também eu pude reaprender e ressignificar minhas ações como professora e pesquisadora de História. Essa dinâmica fora de sala de aula e no espaço do Museu Parque Seringal pode parecer corriqueira, pois, mesmo antes da situação de pandemia, era possível ver quase que diariamente a visita de escolas e a circulação de pessoas fazendo caminhadas ou simplesmente repousando à sombra das árvores. Entretanto, a partir das dinâmicas e do acompanhamento da produção do *folder*, foi possível refletir e entender o quanto também nós todos somos sujeitos históricos. Ressaltou um aluno em nosso último encontro que “foi muito importante aprender muita coisa sobre a importância da Seringueira e como ela ainda é usada até agora. Foi uma atividade ótima para todos e com certeza todo mundo aprendeu alguma coisa”. Entre outras respostas dadas, podemos inferir que o objetivo principal desta pesquisa foi alcançado.

Não se pode perder de vista a imensa dificuldade que se encontra para levar os alunos para outros espaços de aprendizagem, assim como ao Museu Parque Seringal, que, em que pese estar tão perto da escola, ainda são raríssimas dinâmicas e aulas que o consideram um espaço de aprendizagem, ainda mais para alunos que estudam em salas de tamanho tão reduzido.

Formar cidadãos que façam conexões para além do que o material didático que recebem em sala de aula propõe e que possam interpretar o presente a partir do meio natural próximo a suas residências, com olhos atentos ao passado histórico, é o que se pretende. Foi possível despertar neles uma visão melhor de educação do presente e do futuro a partir dessa experiência de ensino e aprendizagem.

Gostaria ainda de enfatizar que este trabalho foi realizado em meio a uma pandemia que nos assola e nos devasta. Com todas as dificuldades, que vão desde a desmotivação dos educandos a arbitrariedades impostas pelos órgãos gestores da educação, foi possível conduzir um trabalho que tem seu contributo ao Ensino de História. A aula passeio pode ser tida, inclusive, como uma alternativa de retorno às aulas, num ambiente ao ar livre e próximo a natureza que possibilita aos alunos conexões entre disciplinas, que dificilmente teriam na escola por falta de espaço ou de oportunidade.

Esse movimento torna a História muito mais palpável para os alunos, uma vez que parte das experiências de vida do alunado, de uma realidade que está próxima à escola. São estudantes e seus familiares que conhecem e tem relação com o parque e que, ao mesmo

tempo, têm a noção de que este é um espaço diferente a partir desta experiência. Esta pesquisa proporciona novos olhares, uma nova valorização para o parque, no sentido de despertar uma nova consciência e ter noção da riqueza que é esse parque também para cidade, para a comunidade.

Nesse sentido, podemos também lançar uma discussão em torno do direito à cidade. A quem interessa privar um envolvimento maior das pessoas com a cidade e com a qualidade de vida e do meio ambiente em que vivem? Que futuros podemos construir a partir da sensação de pertencimento dos estudantes e das suas famílias no sentido de valorizar esses saberes, essas relações e essas memórias relativas ao Museu Parque Seringal? Muito mais que um órgão público da esfera municipal, podemos observar o quanto o parque é feito a partir das vivências dessas pessoas e levar isso para a aula de História é uma maneira de representar dignamente tais experiências e de permitir que essas memórias sejam mantidas. Preservar este espaço é preservar também essas memórias e trazer à tona os saberes sobre as árvores de grupos que muitas vezes são colocados à margem da própria cidade. É importante, eu diria fundamental, ampliar o escopo de protagonistas dessa História que é feita por agentes humanos e não humanos.

REFERÊNCIAS

- ANANINDEUA (PA). **Lei Municipal nº 2.560, de 29 de março de 2012**. Cria a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) denominada “Museu Parque Seringal” e dá outras providências. Ananindeua: Diário Oficial do Município, nº 1.438, de 09 de abril de 2012.
- BACHA, C. J. As unidades de conservação do Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 30, n. 4, p. 339-358, 2020.
- BAMBERGER, Y.; TAL, T. Multiple outcomes of class visits to natural history museums: the students’ view. **Journal of Science Education and Technology**, v. 17, n. 3, p. 274–284, 2008.
- BARCA, I. Literacia e consciência histórica. **Revista educar**, v. 22, n. especial, 2006.
- BARROS, J. História, Espaço e Tempo. **Varia Historia**, v. 22, n. 36, p.460-476, Jul/Dez, 2006.
- BASTOS, R. Z.; BÓGEA, E. B.; SILVA, A. P.; RIBEIRO, M.; RIBEIRO, M. Museu Parque Seringal: Patrimônio Cultural e Natural. *In*: Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, 4., Belém. **Anais [...]**. Belém, 2012. p. 200.
- BOTELHO, L. A. V.; SANTOS, F. K. S. Ecoformação e protagonismo socioambiental: diálogos e possibilidades ecoeducativas contemporâneas. **Revista Brasileira do Ensino Médio**, v. 3, p. 63-75, 1 set. 2020.
- BRASIL. **Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Diário Oficial da União, 2000.
- BRASIL. **Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Diário Oficial da União, 1999.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 19 jun. 2019.
- CAIMI, F. E. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. *In*: ROCHA, H.; MAGALHÃES, M.; GONTIJO, R. (Orgs.). **O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 17-36.
- CAMPOS, C. E. S.; OLIVEIRA, L. S. **A construção do lazer e a defesa do meio ambiente no Museu Parque Seringal**. 2017. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Educação Física) – Centro de Ciências Sociais e da Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

CARVALHO, E. B. “A natureza não aparecia nas aulas de História”: lições de educação ambiental aprendidas a partir das memórias de professores de História. **História oral**, v. 1, n. 15, 2012, p. 107-129.

COCCIA, E. **La vida de las plantas: una metafísica de la mixtura**. 1. ed. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2017. 134p.

MENDES, C. A luta dos povos da floresta. **Terra Livre**, n. 7, 2015.

CHAGAS, M. S. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 41, n. 41, 2012, p. 5-16.

CHANTAL, B.; RAISON, J. Paisagem. In: ROMANO, R. (Org.). **Enciclopédia Einaudi**. v. 8. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 138-159.

DA SILVA, A. D. N. **Museu Parque Seringal, Ananindeua, Pará: um patrimônio, múltiplas possibilidades**. 2018. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Instituto de Ciências das Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

DEAN, W. **A Luta pela Borracha no Brasil: um estudo de história ecológica**. 1. ed. São Paulo: Nobel, 1989.

FIGUEIREDO, A. M. **No tempo dos seringais: O cotidiano e a sociedade da borracha**. 1. ed. Atual Editora. 1997.

FLOREZ, L. S.; SANJAD, N.; OKADA, W. Construção do Espaço Museal: ciência, educação e sociabilidade na gênese do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi (1895-1914). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 26, e. 15, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro, 1957. V. 14

KETTLE, W. A Perspectiva Ambiental e o Ensino de História na Amazônia: Experiências no Município de Ananindeua. **Revista do LHIESTE – Laboratório de Ensino de História e Educação**, v. 4, n. 6, p. 53-69, jan./dez. 2017.

MARTINS, M. L. História e meio ambiente. In: MARTINS, M. L.; HISSA, C. E. **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. 1. ed. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008. p. 65-77.

MOURÃO, A. V. **Bosque Rodrigues Alves como espaço de ensino em ciências na educação não formal**. 2017. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

OLIVEIRA, J. C. C.; BARBOSA, J. H. C. **Roteiro para criação de unidades de conservação municipais**. 1. ed. Brasília: MMA/IBAMA, 2010.

PARO, V. H. **Crítica da estrutura da escola**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

PÁDUA, J. A. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PINHEIRO, A. P.; PELEGRINI, S. A. (org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2010.

RIBEIRO, I. S. **Arquitetura de museu-parque**: os pavilhões expositivos do Instituto Inhotim. 2016. 267f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SIQUEIRA, J. L. F. **Trilhos: o caminho dos sonhos**. Memorial da Estrada de Ferro de Bragança. Bragança: Prefeitura Municipal de Bragança, 2008.

SOUSA, J. F. M. **Lazer e meio-ambiente em Ananindeua**: as práticas de lazer no Museu Parque Seringal. 2013. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, 2013.

SINGER, P. **Practical Ethics**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WEINSTEIN, B. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência (1850-1920). 1. ed. São Paulo: HUCI-TEC/EdUSP, 1993.

WORSTER, D. Por qué necesitamos de la historia ambiental? **Tareas**, n. 117, p. 119-131, 2004.

APÊNDICE

APÊNDICE A – PLANO DE AULA PROPOSTO



SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

PLANO DE AULA

ESCOLA: E.E.E.F. CÂNDIDO HORÁCIO EVELIN	INEP:
PROFESSOR (A): Ana Maria	
Diretora: Daniele	
TURMA: 9º Ano	
TURNO: M	SALA:
PERÍODO DE APLICABILIDADE DO PLANO: 3º Bimestre (Agosto e Setembro) - CH 2 horários de 45 minutos	
QUANTIDADE DE ALUNOS ATENDIDO: 34	TOTAL ALCANÇADOS: 15

COMPONENTE CURRICULAR	HABILIDADES (CÓDIGO ALFANÚMÉRICO)	OBJETIVOS DE CONHECIMENTO (CONTEÚDOS, CONCEITOS E PROCESSOS)	METODOLOGIAS
<input type="checkbox"/> Língua Portuguesa <input type="checkbox"/> Matemática <input type="checkbox"/> Artes <input checked="" type="checkbox"/> História <input type="checkbox"/> Geografia <input type="checkbox"/> Ciências <input checked="" type="checkbox"/> Estudos Amazônicos <input type="checkbox"/> Educação Física <input type="checkbox"/> Ensino Religioso	<p>(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954</p> <p>(EF09EA12PA) Analisar o processo de apropriação da natureza decorrente da produção econômica de cada região e as repercussões sócio espaciais causadas pelo modelo de desenvolvimento imposto</p> <p>(EF09HI10) Identificar e relacionar as dinâmicas do capitalismo e suas crises, os grandes conflitos mundiais e os conflitos vivenciados na Europa</p>	<p>1.1 Diferenciar que a sociedade e a natureza possuem princípios e leis próprios e que o espaço resulta das interações entre elas, historicamente definidas</p> <p>1.2 Descrever a natureza do espaço como lugar histórico, onde ocorre lutas sociais, transformações e interações entre os grupos sociais distintos</p> <p>1.3 Reconhecer e entender os ciclos históricos, como fases do processo de dominação do sistema capitalista que determinam as várias formas de uso dos espaços rural e urbano, apontando sua interferência no meio ambiente</p> <p>1.3 Compreender a importância das Unidades de Conservação e sua implantação na Amazônia, considerando a relação entre preservar e degradar o domínio amazônico a população local, regional e global</p> <p>1-4 A Segunda Guerra Mundial.</p>	<p>- Questionário diagnóstico</p> <p>- Preparação com aula explosiva.</p> <p>- Contextualização da 2ª Mundial.</p> <p>- Relação com o conteúdo da disciplina de Estudos Amazônicos sobre o período da borracha na Amazônia.</p> <p>- Aula passeio ao Museu Parque Seringal.</p> <p>- Realização de trabalho de pesquisa pelos alunos; onde cada grupo de alunos fica responsável por pesquisar determinado ponto específico do Museu parque Seringal Como:</p> <p>Grupo 1: pesquisar o por que é um Museu Parque.</p> <p>Grupo 2: Sobre as plantas, fazer uma pequena descrição sobre as plantas existentes no Seringal.</p> <p>Grupo 3: Um pequeno histórico de outros exemplares de árvores do Seringal.</p> <p>Grupo 4: Falar sobre o Memorial</p> <p>Grupo 5: Um pequeno histórico das árvores de seringueiras.</p> <p>Grupo 6: Falar sobre a experiência das plantações de mudas de árvores pela turma.</p> <p>- Confeccionar um Folder com o conteúdo pesquisado pelos discentes.</p>

RECURSOS METODOLÓGICOS	RECURSOS DIDÁTICOS
<input checked="" type="checkbox"/> Material impresso <input checked="" type="checkbox"/> Livro Didático <input checked="" type="checkbox"/> Pesquisa <input checked="" type="checkbox"/> Videoaula <input type="checkbox"/> Áudio explícito <input checked="" type="checkbox"/> aplicativos multimídias em geral <input checked="" type="checkbox"/> Material digital <input type="checkbox"/> Outros quais: _____	<p>Artigos, apostilas, livros, softwares, sumários de livros, trabalhos acadêmicos, apresentações em PowerPoint, filmes, atividades, exercícios, ilustrações.</p>

AValiação: As formas de avaliação serão diagnósticas, formativa e somativa, sendo que este processo foi acompanhado dada a modalidade do ensino remoto e início de aulas semipresenciais e presença de alunos por escala de 30% e depois de 50% em ~~cl~~.

REFERÊNCIAS: Documento Curricular do Estado do Pará Educação Infantil e Ensino Fundamental, BNCC.]

APÊNDICE B – RESPOSTA DOS ALUNOS AO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
 HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO
 QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUENTOU?

Não lembro ☹

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Sim, aqui a nomei

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Sim.

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

Objetos antigos, coisas importantes que um povoado de geração em geração

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Sim, pois as pessoas podem ter mais lugares de aprender sobre as suas coisas

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

Claro! para as pessoas saberem mais sobre a história humana, o que foi evoluindo de muito tempo atrás até os dias atuais

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

Talvez sim, conhecer mais sobre os objetos antigos e a nossa evolução

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Sim, pois é um acumula muito grande de pessoas e tem muita sujeira

Digitalizado com CamScanner



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUENTOU?

Ainda não frequento nenhum mas penso frequentar
em um algum dia.

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Eu não sei se tem na cidade e não são muito para
parar.

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Ainda não mas quero visitar se tiver algum museu
aqui perto.

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

Para mim coisas antigas como armas de batalha,
coisa, estruturas antigas e etc...

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Para mim é importante sim, porque as pessoas vão estudar
e visitar bastante, principalmente as pessoas desta região
ou bairro.

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

Eu não sei bem, mas se tivesse seria ótimo para eles
ter um espaço histórico bonito que as pessoas poderiam
visitar e apreciar e saber a História desse bairro.

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

Sim, seria ótimo eu iria todo dia para se exercitar na
praça ~~ou no parque~~ e no parque andaria de skate ou
de longe no museu eu iria quando estiver estudando.

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Sim, porque as pessoas cuidariam deste espaço para
preservá-lo e mantê-lo limpo para se sentir
a vontade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
 HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUENTOU?

Nenhum

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Nenhum no Siringal

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Sim

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

As coisas históricas de muitos locais

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Sim porque ~~é~~ importante porque pelo menos nos tempos tem
 ideia que as coisas que tem em um museu já vivem amor e amor
 e também ~~fo~~ faz parte da mesma sociedade

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

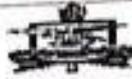
Sim porque são poucas espaços históricos tem pessoas que precisa saber
 que é importante ter um lugar histórico para poder saber de que são as
 coisas que a gente tem hoje em dia foram descobertas

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

Sim porque a gente precisa ter um lugar calma para estudar
 de até algo que a gente não sabe que existe por isso é importante o Museu

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Sim porque ~~se~~ a gente não cuidar de uma praça ou museu aquilo acaba
 ficando feio e o espaço acaba ficando por conta da sujeira então se tem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUÊNTOU?

O Museu Histórico de Belém e o Seringal

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Não na minha cidade, mas na cidade vizinha

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Não

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

Na minha opinião, objetos históricos

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Sim, por que ~~ninguém~~ ninguém se importa com as histórias das gerações passadas, muito menos na cultura de hoje

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

Sim, muito, devemos e precisamos saber sobre as gerações passadas, e que aconteceu para termos acesso hoje em dia.

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

Tanto um parque, quanto uma praça são muito necessários para momentos de lazer com a família; o museu seria ~~uma~~ muito bom na minha cidade, ~~mas~~ eu acho muito bom ter coisas históricas

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Sim, claro, um parque e uma praça podem ajudar a manter o ar limpo e muito mais, já o museu preserva muito ~~de~~ bem as coisas históricas.


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
 HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUENTOU?

Sim mais alguns e outros

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Não sei

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Não

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

Não sei

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Sim porque é sempre bom ter um parque ou um museu perto da gente.

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

Sim até porque se quiser aprender a ver coisas novas.

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

Sim porque é bom ter um parque e um praça para ficar com os amigos e lá podemos nos divertir com nossos amigos.

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Sim



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
 HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUÊNTOU?

Fort de Castelo

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Sim, Emilio Cealdi, Museu Gomes de Azevedo e etc

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Sim

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

Os antepassados (objetos)

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Sim, pois temos muito conhecimento sobre as histórias da origem do povo paraense.

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

Os museus são importantes instrumentos de preservação do patrimônio cultural.

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Sim



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
 HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUENTOU?

Museu Parque Guimpt, Fonte do Príncipe.

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Sim, o Fonte do Príncipe, o Museu de Artes de Belém, não os que eu conheço.

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Sim.

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

As imagens, documentos históricos tudo que se encontra no seu redor e tudo o que já aconteceu de marcante, transmitido em um Museu.

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Sim, é importante pois ter o conhecimento sobre o lugar é bom, pois conhece a história sobre ele, um bom entretenimento.

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

Sim, ter conhecimento sobre a região visitada é essencial, pois conheceria mais sobre ele e é um ótimo lugar para visitas.

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

Sempre, principalmente no meu tempo livre, momento de lazer com a família, no espaço livre.

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Sim, eu acho que com a criação de uma estrutura grande, em meio ao lugar em que é construído, dependendo, se for em um lugar.


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
 HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUÊNTOU?

O Museu Parque Siringal e o Forte do Presépio.

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Sim, entre elas estão o Museu Paramar Emilio Galdi, Museu de Arte, Museu de Arte de Belém e etc...

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Sim.

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

As imagens, as histórias, e tudo o que ele tem a oferecer.

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Sim, pois com um museu as pessoas terão mais conhecimento sobre a região, tudo de histórico que aconteceu aqui.

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

Sim, seria bem interessante, assim como parques que além de outros espaços para a visita no bairro, iria conhecer um pouco sobre eles.

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

Sim, um parque seria bom para o público aproveitar um tempo de lazer.

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Talvez não, por conta da modificação para criar uma estrutura.

C. F. B.

1º) R = Não me lembro dos nomes

2º) R = Museu Parque Siringal

3º) R = Siringal e um outro que não me lembro o nome

4º) Os animais, porque são mais interessantes.

5º) É importante para voeê ter contato direto com a história mas varias informações podem ser achadas na internete

6º) Não é uma "necessidade" mas é importante para te contato direto com a história.

7º) Acho que é importante principalmente pras crianças terem um meio de diversão o educação público

8º) Sim, porque normalmente esses lugares tem árvores


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
 HISTÓRIA

ANA MARIA DA SILVA CONCEIÇÃO

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1. QUAIS MUSEUS VOCÊ JÁ FREQUENTOU?

Sim

2. EXISTEM MUSEUS EM SUA CIDADE OU REGIÃO? QUAIS?

Sim, Museu Emílio Galdino, Museu de Arte de Belém e entre outros

3. VOCÊ JÁ VISITOU ALGUM MUSEU EM ANANINDEUA?

Sim

4. O QUE EXISTE DE MAIS ATRATIVO EM UM MUSEU? DÊ SUA OPINIÃO?

As artes e histórias, para conhecer um pouco sobre as histórias da sua cidade e acontecimentos

5. É IMPORTANTE TER UM MUSEU OU UM PARQUE EM SUA REGIÃO OU BAIRRO? POR QUE?

Sim, porque são instrumentos responsáveis pelas memórias de um povo

6. É UMA NECESSIDADE PARA A POPULAÇÃO DE UM BAIRRO TER ESPAÇOS HISTÓRICOS DE VISITAÇÃO? DÊ SUA OPINIÃO

Sim, para preservar suas histórias

7. TER UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU EM SUA CIDADE SERIA IMPORTANTE PARA SUA VIDA? DÊ SUA OPINIÃO?

Sim, para conhecer as histórias do passado

8. NA SUA OPINIÃO A PRESENÇA DE UM PARQUE, UMA PRAÇA, UM MUSEU TEM ALGUM EFEITO OU RELAÇÃO COM O MEIO-AMBIENTE? DÊ SUA OPINIÃO.

Sim, porque em parques, em praças, há muitas árvores

APÊNDICE C – REGISTRO FOTOGRÁFICO DO MUSEU PARQUE SERINGAL

Figura 1 – Palmeira ornamental exposta na entrada do Museu



Fonte: acervo pessoal

Figura 2 – Palmeira ornamental exposta na entrada do Museu



Fonte: acervo pessoal

Figura 3 – Planta ornamental exposta no Museu



Fonte: acervo pessoal

Figura 4 – Pé de abacaxi exposto no Museu



Fonte: acervo pessoal

Figura 5 – Balanço infantil presente na área de recreação



Fonte: acervo pessoal

Figura 6 – Área de recreação



Fonte: acervo pessoal

Figura 7 – Ecoponto para coleta seletiva de lixo



Fonte: acervo pessoal

Figura 8 – Área comum



Fonte: acervo pessoal

Figura 9 – Vista interna de uma trilha



Fonte: acervo pessoal

Figura 10 – Plantas ornamentais expostas no Museu



Fonte: acervo pessoal

Figura 11 – Planta ornamental danificada



Fonte: acervo pessoal

Figura 12 – Área comum



Fonte: acervo pessoal

Figura 13 – Exposição permanente do Espaço Memorial



Fonte: acervo pessoal

Figura 14 – Exposição permanente do Espaço Memorial



Fonte: acervo pessoal

Figura 15 – Exposição permanente do Espaço Memorial



Fonte: acervo pessoal

Figura 16 – Museu em momento de visitação do público geral



Fonte: acervo pessoal

APÊNDICE D – PRODUTO EDUCACIONAL: *FOLDER PARA VISITAÇÃO GUIADA AO MUSEU PARQUE SERINGAL*

CONCEIÇÃO, A. M. S. *Folder para visita guiada ao Museu Parque Seringal*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zBVoD6YDH2HsmBeroGIF83mhXfp8fOhA/view>. Acesso em 29 dez. 2021.